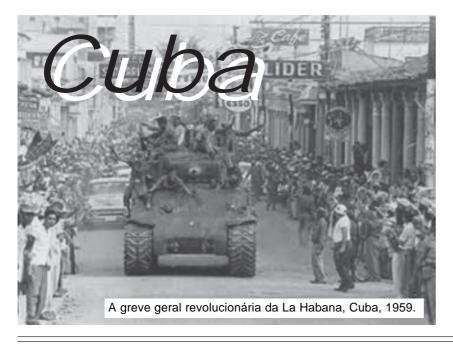
O Organizador Operário
Internacional
Porta-voz da Fração Leninista Trotskista Internacional - Nova Época

Parte 2
Vol. 1

Setembro 2010 - Valor R$ 2,00 / Solidário R$ 5,00

RESOLUÇÕES DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

A classe operária não tomo o poder. Aprofunda-se o ataque dos capitalistas com maiores padecimentos para as massas e novos golpes contra revolucionários.

A greve geral revolucionária da La Habana, Cuba, 1959.

A classe operária mundial deve deter o intento da restauração definitiva do capitalismo

Trabalhadores desempregados do Mosconi, Argentina. A vanguarda nas jornadas revolucionárias de 2001.

Argentina

Uma celebração do Bicentenário para ocultar a mais feroz ditadura contra o proletariado

A Questão Cubana

Ao calor da crise econômica mundial imperialista,

o Castrismo num pacto com o imperialismo e as burguesias Latino americanas tenta impor a restauração definitiva do capitalismo na ilha

A classe operária mundial deve impedi-lo!

O programa para a revolução política contra a burocracia castrista restauracionista é uma prova de fogo que divide reforma de revolução

Um brutal ataque contra as massas cubanas por parte da camarilha restauracionista dos Castro

Aprofundada a crise econômica mundial, o regime restauracionista dos irmãos Castro encabeça hoje, um feroz ataque sobre os trabalhadores e as massas empobrecidas da ilha. A isso responde o discurso de Raúl Castro no IX Congresso da União de Juventudes Comunistas de Cuba, juventude sedenta de direito de herança e propriedade privada. **Ali os Castro lançaram o grito de guerra de toda a burguesia mundial: "Que a crise a paguem os trabalhadores".** Anunciaram um milhão de demissões expressando: *"sabemos que sobram centos de milhares de trabalhadores nos setores orçado e empresarial, alguns analistas calculam que o excesso de vagas ultrapassa o milhão de pessoas e este é um assunto muito sensível que estamos no dever de enfrentar com firmeza e sentido político (…) continuar gastando acima dos rendimentos singelamente equivale a comer-nos o futuro e pôr em risco a sobrevivência mesma da revolução"*; e continuou *"se mantemos planilhas infladas em quase todos os âmbitos do afazer nacional e pagamos salários sem vínculo com os resultados, elevando a massa de dinheiro em circulação, não podemos esperar que os preços detenham sua ascensão constante, deteriorando a capacidade aquisitiva do povo"*.

A industria mineradora do níquel nas mãos dos *joint ventures* com o imperialismo.

A burocracia restauracionista diz aos explorados do mundo que os culpados dos padecimentos e a miséria em Cuba são os heróicos operários cubanos. **Canalhas! A responsável da crise na que se afunda Cuba é a parasitaria burocracia restauracionista!** A burocracia castrista faz tempo já que deixou de defender as bases do Estado operário "a sua maneira" –isto é, como falava Trotsky, afundando-as como o fazia a velha burocracia estalinista na URRS-, e deveio em abertamente restauracionista, em agente direto da restauração capitalista. O "socialismo numa só ilha" demonstra todo seu caráter de utopia reacionária contra a revolução cubana. É a liga dos Castro a que impôs um regime restaurador do capitalismo que se assenta na imposição da dupla moeda. Impuseram-se na ilha duas economias que liquidam o regime de transição.

Por um lado, uma economia capitalista dos investimentos estrangeiros e as sociedades "mistas", os *joint ventures* com o imperialismo em turismo, hotelaria e a mineração do níquel, que se maneja com o peso convertível um a um com o dólar ("chavito"). Nesta economia se enriquecem os parasitas da burocracia e seus filhos; surgem novos ricos, donos e gerentes de hotéis, negócios e empresas. Também aparecem as novas classes médias unidas à pequena propriedade da terra e o comércio varejista urbano, junto ao surgimento de um pequeno setor de trabalhadores que cobra salários diferenciais nas empresas mistas, ávidos de consumo de celulares, eletrodomésticos, etc. Não é de estranhar então que Raúl Castro, no Congresso das "Juventudes Comunistas" se há dirigido a esta firme base social para a restauração. Porque estas "juventudes comunistas" são os filhos dos burocratas, que gozam de celulares, I-pod, tênis da Nike, etc. e querem receber a herança de que seus pais acumularam nos bancos *"off shore"* das Bahamas, que roubaram das massas cubanas, em sociedade com o imperialismo.

Por outro lado, a outra economia, a da ampla maioria dos operários e camponeses, onde apenas se usa o peso cubano super desvalorizado, e que ainda trabalha no velho setor nacionalizado da economia, sobrevive com cartilhas de racionamento da fome, salários miseráveis de 18 dólares

mensais que não se cobram nem na mais negreira maquiladora imperialista na China.

No meio da crise da economia mundial e com a desvalorização do dólar, os parasitas cubanos precisam emitir, cada vez mais, peso cubano desvalorizado, para comprar mais quantidade de dólares, o que termina gerando a inflação da qual, com desvergonha, culpam às massas exploradas. Eles são os que criam inflação e o querem fazer pagar às massas cubanas com demissões, recortes na saúde e na educação! E os cínicos da burocracia restauracionista querem acusar aos operários e camponeses de serem os responsáveis disto! São os burocratas os que permitiram a pequena propriedade da terra e a abertura do comércio varejista urbano. São os parasitas da burocracia e seus filhos os que já são donos dos negócios, hotéis e empresas. Esses 800.000 burocratas e seus filhos, são os que vêm enriquecendo com a dupla moeda! 390.000 burocratas já têm salários de gerentes em dólares nas "empresas mistas"! Eles são os verdadeiros parasitas que não produzem nada e em seus cômodos despachos enchem os bolsos vivendo da economia dolarizada que administram sócios com a burguesia imperialista!

Somado às derrotas que infligiram ao proletariado no continente, o castrismo impôs às massas cubanas a mais grave derrota: uma terrível desmoralização. Os operários e camponeses cada vez identificam mais ao "socialismo", não com uma conquista, senão com salários de fome, inflação, carestia da vida e miseráveis cartilhas de racionamento para comer. É que o socialismo não é a administração da miséria como o fez crer o stalinismo e o castrismo. Pelo contrário, é o modo de produção onde sem patrões nem burgueses, produz-se para "sair do reino da necessidade" satisfazendo as em sua plenitude. Para isso há que derrotar à burguesia mundial e seu modo de produção capitalista. O regime restaurador dos Castro, com uma casta cheia de privilégios e enriquecimento que esforça-se por ser nova burguesia, permite a reprodução de uma nova classe média comerciante na cidade, e relações de propriedade capitalistas no campo, ganhando assim cada vez mais base social restauracionista. Por sua vez, o castrismo conta com um exército de parasitas que recebem remessas em dólares enviados pelos quadros políticos que, por milhares, estão espalhados no continente estrangulando a revolução. Assim recreiam, com suas suculentas remessas em dólares, novos vermes ao interior de Cuba. O regime restaurador **aprofunda a grau extremo a desigualdade social e liquida a consciência igualitária das massas.**

Por isso o regime da burocracia é o que empurrou à juventude cubana a abandonar a escola e a educação, porque precisa ir trabalhar por uns dólares mais nos hotéis e empresas, para tentar entrar no ciclo de consumo. E por isso é que o castrismo quer largar este ataque às massas, aproveitando sua confusão e desmoralização, para mirar-lhe um golpe de graça ao Estado operário em aguda decomposição e definir a restauração capitalista.

A burocracia castrista quer fazer que a crise a paguem as massas com demissões, suspensões, recortes no gasto estatal, etc., tal como o estão fazendo agora todos os governos burgueses do mundo, como na Grécia, Quirguistão, etc. Mas este ataque que querem largar os burocratas castristas é a inveja de qualquer governo burguês do mundo, já que numa ilha onde trabalham 6 milhões, querem despedir nada mais nem nada menos que a um milhão de trabalhadores! Isto demonstra claramente que este ataque está liderado por uma liga restauradora que quer conscientemente avançar, de maneira definitiva, à restauração capitalista na ilha.

De impor-se definitivamente a restauração capitalista em Cuba, o imperialismo lhe mirará uma grande derrota ao proletariado do continente e estabilizará seu domínio em seu "quintal".

Hoje, ante a bancarrota capitalista e sua crise mundial, o imperialismo deve liquidar o último Estado operário que -em absoluta e aguda decomposição graças à política restauracionista do castrismo- por enquanto sobrevive tão só a umas 90 milhas das costas do EUA é que a crise econômica mundial lhe impõe à burguesia imperialista a necessidade de achatar ao conjunto do proletariado mundial e com isso, um de seus principais bastões de resistência: o Estado operário cubano. O ataque generalizado que o grande capital lançou contras os explorados do mundo implica a liquidação das conquistas históricas do proletariado mundial, cuja máxima expressão é, ainda hoje, o Estado operário cubano.

A restauração que tentam terminar de consumar o imperialismo e as burguesias nativas junto à burocracia castrista, significa um golpe certeiro para que não fique vestígio do combate revolucionário que as massas latino americanas e norte-americanas protagonizaram no primeiro lustro do século XXI, como a revolução argentina e a equatoriana. Têm que terminar de liquidar a revolução boliviana iniciada pelos operários e camponeses em 2003; devem impedir que se desenvolva o combate da classe operária peruana. Mas, sobretudo, devem infringir-lhe uma derrota superior à classe operária norte americana, que ontem se levantou contra as guerras do saque

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

WEB:
www.democraciaobrera.org

BLOG:
http://conscienciaeluta.blogspot.com

MAILS:
varnguarproleta@hotmail.com
fltinternational@ymail.com

do imperialismo ianque, pelas demandas dos trabalhadores imigrantes, o setor mais explorado do proletariado ao interior da besta imperialista e que hoje, pelo acionar das direções traidoras, encontra-se aos pés de Obama.

Por isso, para Obama e as diferentes potências imperialistas se torna fundamental terminar de consumar a restauração capitalista em Cuba, para garantir uma enorme derrota ao proletariado mundial e à luta antiimperialista das massas, em momentos em que o proletariado do Quirguistão, Grécia e toda a Europa ganha as ruas o que implicaria a destruição da consciência de que as massas podem fazer-se do poder, desapropriar à burguesia e conquistar seu próprio Estado, um Estado operário.

Por outro lado, isto aprofundaria a estabilização de todos os regimes burgueses em seu "quintal". E o que não é menor, o imperialismo ianque conquistaria em Cuba uma mão de obra altamente qualificada para usá-los como escravos nas futuras maquilas ianques. Sobre os ossos do proletariado do continente, estas medidas localizariam em melhores condições ao imperialismo ianque, para enfrentar a crise econômica e derrotar a seus competidores nas disputas inter imperialistas.

Hugo Chavez (Venezuela), Fidel Castro (Cuba) e Evo Morales (Bolívia).

Uma vez expropriada a revolução na América Latina e no EUA , com a farsa da "revolução Bolivariana" os Castristas tentam dar um salto na restauração capitalista.

No início do século XXI, como pilar fundamental dos pactos contra revolucionários da burguesia bolivariana com o imperialismo, a burocracia castrista, desapropriando e estrangulando o processo de revoluções no continente americano, terminou de ganhar o direito para devir na nova burguesia de Cuba. Por isso o plano do imperialismo ianque não é mais invadir com os vermes de Miami, ou com uma intervenção militar direto. O plano é permitir que a burocracia castrista, em devolução pelos serviços prestados ao imperialismo, recicle-se em burguesia.

Se a ofensiva restauradora hoje pode dar um salto com este ataque sem que as massas cubanas reajam ainda frente a isso, é porque com a farsa da "revolução bolivariana" com Fidel à cabeça e os "bolivarianos" organizados no Fórum Social Mundial, com frentes populares, golpes e pactos contra revolucionários com o imperialismo, estas burguesias e seus sustentadores, as direções traidoras, desapropriaram o combate antiimperialista e revolucionário de massas do continente americano. Cada uma destas derrotas e golpes contra revolucionários que aplicaram às massas do continente, como em Honduras, Bolívia, Colômbia, Haití, foram derrotas aplicadas diretamente às massas cubanas, isto é, sucessivos "Tiananmen" para a restauração capitalista em Cuba.

No Equador, Argentina, Bolívia; com a comuna de Oaxaca no México; com os levantamentos do Chile e do Peru e a ascensão contra a guerra e pelos direitos dos imigrantes no EUA, as massas levaram adiante combates revolucionários e anti imperialistas contra todos os governos serventes do imperialismo ianque na região. Frente a isso e centralizado desde o Fórum Social Mundial, se levantou uma frente popular continental, sustentado principalmente pelo castrismo e a burocracia e aristocracia operária no Brasil, junto ao resto das burocracias e aristocracias operárias do continente, para cercar e estrangular as ações revolucionárias das massas. As correntes dos renegados do trotskismo como o lambertismo, o morenismo e o mandelismo, entre outras, foram parte desta frente popular continental, centralizando nos sindicatos combativos do Brasil, EUA, Bolívia, Venezuela, Haiti desde o Encontro Latino americano dos Trabalhadores (ELAC), para subordinar a estas organizações operárias à política de colaboração de classes continental do castrismo e da burocracia brasileira e assim levar à derrota ao asa esquerda do proletariado do continente.

No Equador em 2002, desde o Fórum Social Mundial, promovia-se como "menino mimado" ao Coronel Lucio Gutiérrez, o milico que depois expropriou a revolução iniciada pelas massas que desde 2000 vem de derrubar a vários presidentes. E quando as massas derrotaram em 2005 o Gutiérrez com a "rebelião dos foragidos", foram os bolivarianos com Castro à cabeça, os que correram a sustentar ao burguês Correia para estrangular novamente a revolução equatoriana.

O castrismo jogou um papel finque ao estrangular o combate das massas venezuelanas contra o golpe pró imperialista dirigido pelos ianques no ano passado pregando-se à política de Lula de conformar um "Grupo de países amigos da Venezuela", foram os encarregados de chamar às massas a não desapropriar, a não justiçar à casta de oficiais golpista e a pôr de novo no governo a Chávez, que durante o golpe, enquanto as massas

põem seu sangue nas ruas, fugiu como um covarde a esconder-se numa base militar protegido pela cúpula da igreja.

Na revolução Argentina que se abriu em 20 de dezembro de 2001, vimos a Castro viajar em duas ocasiões a este país. Em 2003, quando falou nas escadas da Faculdade de Direito da cidade de Buenos Aires, num ato organizado com o apoio dos renegados do trotskismo e em 2005 para participar da "Contra-cume", organizada pelos governos bolivarianos com Chávez à cabeça. Em ambas ocasiões veio a dizer-lhes às massas que não tinha que fazer uma revolução, uma nova Cuba na Argentina, senão que havia que apoiar ao governo de Kirchner, e que a classe operária tinha que se pôr a produzir, já que depois este governo "repartiria a riqueza".

Quando as massas bolivianas iniciaram sua enorme revolução em 2003-05, a frente popular contra revolucionário continental de Castro e os bolivarianos foi o encarregado de cercar a esta enorme revolução. Isto o fez controlando o proletariado de todo o continente e chamando às massas a atar sua sorte ao governo de Frente Popular do Evo Morales, colaborando inclusive com quadros e assessores cubanos para impedir que a Bolívia se convertesse numa nova Cuba. Os renegados do trotskismo se subordinaram a esta política e organizaram, desde os sindicatos petroleiros do Brasil dirigidos pelo lambertismo, um congresso continental "em defesa dos hidrocarbonetos", para cercar às COR (Central Operária Regional) do Alto e suas resoluções revolucionárias do 6-7 julho de 2005, e impedir que a classe operária boliviana, sincronizada com o proletariado brasileiro, atacasse a propriedade da Total Fina francesa e sua subsidiária Petrobras do Brasil.

Operários cubanos armados na greve geral revolucionária na La Habana, em 1959.

Novamente em 2008, vimos o pérfido papel do castrismo, quando, depois que o governo do Evo Morales derrotou e desarmou a asa esquerda do proletariado boliviano e sua vanguarda, os mineiros de Huanuni, a "Meia Lua" fascista, agente direto do petroleiro anglo-ianque, se levantou para dar um golpe contra revolucionário. Depois do massacre fascista contra os operários e camponeses em Pando, quando as massas se levantavam para enfrentar e achatar ao fascismo, os castristas foram os fiadores do pacto contra revolucionário que assinaram Evo Morales e a "Média Lua". Pacto que deixou a metade do país em mãos dos fascistas, um terço do território em mãos da casta de oficiais do exército boliviano assassino e o resto do país sob o controle do governo anti operário da frente popular do Evo Morales.

Na Colômbia em 2008, também pudemos ver ao próprio Fidel Castro encabeçar junto a Chávez a operação "Xeque Mate" à resistência colombiana. Depois de chamarem incansavelmente à resistência a desarmar-se, a entregar os prisioneiros e render-se ante o governo cipaio do Uribe, servente do imperialismo, "porque não podiam triunfar" nem "fazer uma nova Cuba", o que veio foi um brutal e sangrento ataque contra os militantes das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e à resistência colombiana. O que não conseguiram o imperialismo ianque e a burguesia colombiana em 50 anos o conquistou o castrismo e o chavismo graças ao pacto do abraço Uribe-Chávez, sobre o sangue da resistência colombiana. Assim ficaram as bases dessa resistência desarticuladas, dizimadas e desmoralizadas.

O castrismo e seu agente o zapatismo foram os responsáveis em 2006 de afogar a comuna operária e camponesa de Oaxaca, que ameaçou iniciar a revolução no México, e que propunha desenvolver-se no Estados Unidos através do movimento dos trabalhadores imigrantes. Este combate das massas mexicanas contra o regime do TLC (Tratado do Livre Comercio) se desenvolvia no interior dos EUA com o levantamento de milhões de operários imigrantes que, unidos ao movimento anti guerra liderado pelos portuários de Oakland e os piquetes anti guerra, chamaram à greve geral contra o açougueiro Bush. Contra esta única revolução, que se queria pôr em pé a ambos lados da fronteira do Río Bravo, no México o castrismo e o zapatismo subordinaram o levantamento operário à frente democrático do partido burguês de López Obrador, o PRD, tão servente do TLC como o partido PAN do então presidente Fox. Enquanto nos EUA o castrismo, usurpando toda a autoridade com a que conta a revolução cubana dentro do proletariado norte-americano de cor e imigrante, pôs à classe operária aos pés de Obama, chamando a apoiar a este é contra Bush. Enquanto o ELAC chamava através de seu dirigente Clarence Thomas do sindicato portuário da Costa Oeste do EUA, a votar a "qualquer um menos o Bush".

No combate anti colonial que deram as massas das Antilhas em Guadalupe, o Castrismo garantiu um cerco para impedir que essas forças contagiem o proletariado cubano. Frente ao

golpe pró imperialista de Micheletti em Honduras em 2009, o castrismo foi o pilar fundamental para impor-lhe a rendição às massas que heroicamente resistiam o golpe. Com seus colegas Chávez e Ortega da Nicarágua, exigiam a restituição do Zelaya, enquanto subordinaram a resistência das massas à frente democrático que terminou pactuando com os golpistas permitindo o assentamento do golpe militar.

O último dos serviços que vêm de prestar os Castro ao imperialismo, foi ante a ocupação pelos marines de Obama do Haiti devastado. Desde 2000 a burocracia castrista apoiou às tropas da ONU assassinas de famintos (a Minustah). E em 2010 frente ao terremoto, com a desculpa da "ajuda humanitária", abriu seu espaço a aéreo US AIR FORCE, para que o imperialismo ocupe o território haitiano e assim preservar sua propriedade privada.

Foi então, primeiro com uma política continental contra revolucionária de frentes populares para cercar e estrangular a revolução no continente, e depois como fiador dos pactos contra revolucionários para assentar os golpes que o imperialismo dava contra as massas, que a burocracia castrista permitiu ao estado maior do imperialismo ianque em crise, que pudesse superá-la com a troca de Bush por Obama, e assim reiniciar sua ofensiva para recuperar "quintal". Agora sacando de cena às massas latino americanas e norte-americanas, a burocracia se joga a dar o salto definitivo para a restauração do capitalismo em Cuba, para transformar Cuba numa "nova Venezuela" capitalista com sua própria burguesia nativa.

Para derrotar o ataque contra as massas cubanas, há que derrotar o regime dos Castro com a revolução política. O combate das massas da Grécia, Quirguistão e Bolívia vem em ajuda das massas cubanas.

A tragédia da revolução cubana é que sua direção, o castrismo, impôs nos últimos anos a utopia reacionária do socialismo numa só ilha, minando e descompondo desde o início as conquistas da revolução da década de 59, e derrotando com sua política internacional as revoluções em todo o continente americano, nas que se sustentava a conquista do primeiro Estado operário no continente.

Por isso aos irmãos Castro e seu camarilha lhes vai a vida em estrangular a revolução norte americana e latino americana, por isso foram e são tão IMPLACÁVEIS. Ao igual que na ex URSS na década de 89, onde o principal partido restaurador do capitalismo era o PC (Partido Comunista) do Gorbachov e Yeltsin, como acionistas diretos do City Bank, onde iam os milhões de dólares do saque dos ex Estados operários; hoje o principal partido restauracionista em Cuba é o dos Castro. É esta camarilha a que, erigida como Bonaparte das diferentes ligas da burocracia restauracionista, tenta guiar "ordenadamente" a entrega de Cuba à economia mundial imperialista, seguindo o modelo imposto pelos mandarins vermelhos do PC chinês. As sucessivas purgas de servidores públicos respondem à tentativa de disciplinar às capas mais ávidas e ansiosas de propriedade, que tentam, a cada momento, dar zarpas para acelerar a conquista definitiva do direito de herança capitalista. A camarilha dos Castro procura então evitar o desagregamento do regime restaurador. Desagregamento que poderia abrir brechas nas alturas, pelas quais poderia irromper as massas cubanas enfrentando a restauração. Em isto é o exército cubano, como instituição central do plano de restauração, quem joga um papel fundamental levando adiante aquelas purgas.

O imperialismo ianque, consciente do papel da camarilha dos Castro, mantém o Bloqueio à Cuba, como um ataque contra as massas para que se afundem mais e mais na miséria. Mas a sua vez o mantém para empurrar a que surja dentro do partido restaurador, que se enriquece centralmente da mão dos imperialismos espanhol e francês no níquel e o turismo, um setor abertamente pró ianque, que levante a política de que, sentando-se a dialogar com Obama, pode-se levantar o bloqueio.

Sem o derrocamento revolucionário do conjunto da burocracia restauracionista, terminará por impor-se uma dura derrota para a classe operária mundial. **Não há tempo a perder!**

Hoje, a burocracia castrista e o imperialismo preparam a estocada final da restauração capitalista. Só a classe operária pode impedi-lo. A alternativa então é: ou a restauração capitalista que afundará às massas cubanas na miséria, super exploração e submeterá a Cuba ainda mais que no passado colonial; ou uma revolução política que derrote à burocracia restauracionista castrista, restaure as bases do Estado operário e imponha a democracia operária para que Cuba seja um bastião da revolução socialista latino americana e mundial.

As forças do proletariado cubano para enfrentar a restauração capitalista estão no combate dos explorados gregos e os imigrantes de toda a Europa; na revolução quirguiz; nos operários e camponeses peruanos que enfrentam o saque das multinacionais e o TLC; nos operários bolivianos que ameaçam com impor a ruptura de suas organizações de luta com o governo de Evo Morales e iniciaram sua revolução política marchando em La Paz contra a burocracia colaboracionista da COB (Central Operária Bolivian) ao grito de "Montes traidor, fora da COB" sendo a vanguarda da luta contra os pactos contra revolucionários da burguesia bolivariana e o imperialismo!

Abaixo a burocracia castrista restauracionista, seu plano de demissões, e todas as medidas pró capitalistas que liquidam as bases do estado operário! Nem uma só demissão! Nenhum recorte na saúde e na educação! Expropriação sem pagamento e re nacionalização de todas as empresas e ramos de produção e das terra entregadas aos monopólios imperialistas, das empresas *"off shore"* da burocracia e dos inversionistas cubanos e estrangeiros! Re imposição do monopólio do comércio exterior, re imposição da planificação sobre toda a economia do país, e planificação econômica democrática discutida, decidida e controlada pela classe operária e os camponeses!

Contra a burocracia restauracionista que vive com enormes privilégios e luxos, que maneja dólares e pesos convertíveis, enquanto os operários e camponeses passam enormes penúrias, é necessário levantar a bandeira da luta contra a desigualdade social: **Abaixo a burocracia e seus privilégios, castas e condecorações! Basta de desigualdade salarial e social!** Basta de parasitas: todos os burocratas devem ir trabalhar, cobrando o salário médio de um operário e em pesos cubanos! **Abaixo os salários diferenciais e os prêmios por produção nas empresas mistas e os monopólios imperialistas! Igual trabalho, igual salário em todos os setores da economia!** Há que **pôr fim às "duas economias" e às duas moedas,** re impondo uma moeda única que reflita a real produtividade do trabalho do conjunto da economia cubana. **Há que terminar com o segredo comercial** com o que se escondem os fabulosos lucros das multinacionais, mas também os lucros e a propriedade com que se está ficando a burocracia e que se esconde depois das "ações" nas "sociedades anônimas".

Este caminho não pode impor-se sem o derrocamento revolucionário da burocracia restauracionista. Isto só será produto de uma aberta guerra civil contra a burocracia. A luta é pela democracia operária e para conquistá-la devemos enfrentar à burocracia em guerra civil: Por conselhos de operários, camponeses e soldados armados, onde só tenha lugar à ampla maioria que vive com 18 dólares e não tem privilégios nem prebendas! Nesses conselhos, a maioria da população cubana que quer dar a vida em defesa das conquistas da revolução, poderá discutir, debater e decidir democraticamente sobre seu próprio destino. Ali as massas poderão tomar em suas mãos a resolução de seus problemas, decidir democraticamente como enfrentar o bloqueio imperialista, que sacrifícios –e inclusive que concessões circunstanciais- estão dispostas a fazer. Nesses conselhos poderão os explorados tomar em suas mãos a defesa militar da ilha ante toda agressão imperialista, garantindo o armamento de todo o povo, único caminho para expulsar aos ianques do Guantánamo, essa base norte-americana a quilômetros da Havana, onde se tortura aos combatentes antiimperialistas da resistência das massas no Oriente Médio.

Abaixo o regime do partido único da burocracia restauracionista do PC! Os conselhos operários, camponeses e dos soldados devem ser quem decidam democraticamente que partidos reconhecem como legais, com um único requisito: demonstrar que defendem as conquistas da revolução!

Os operários cubanos têm o direito de defender-se da exploração dos novos patrões nas empresas mistas e privadas, e do ataque e abuso da burocracia restauracionista nas empresas estatais: **Há que impor a liberdade de organizar os sindicatos!**

Abaixo os pactos contra revolucionários da burguesia bolivariana e os Castro com o imperialismo! Abaixo o pacto do Chávez-Uribe contra a resistência colombiana! Abaixo o pacto de Evo Morales com a Média Lua fascista na Bolívia! Abaixo os pactos do submetimento da classe operária à burguesia bolivariana!

A direção que precisa o proletariado cubano para derrotar à burocracia restauracionista é a IV Internacional re-fundada

A classe operária cubana deve olhar-se no espelho dos operários de Quirguistão, que como os de outros ex Estados operários, estão afundados na barbárie produto da restauração capitalista, mas que hoje se levantaram ante o 200% de aumento do custo de vida, ganharam as ruas, desarmaram à polícia e derrocaram ao governo do Bakiev, um agente de Obama e ex burocrata stalinista devindo em burguês explorador e saqueador desta ex república soviética.

Os operários chineses das metalúrgicas do Tonghua e Lingzou mostram como tem que ser o primeiro passo da revolução política em Cuba. Ali, para defender-se das privatizações levadas adiante pelos ex burocratas do PC Chinês devindos em "patrões vermelhos", os operários fizeram rodar a cabeça do gerente e assim detiveram as 30.000 demissões e a privatização dessas indústrias de aço da propriedade estatal.

Para impedir a consumação da restauração capitalista em Cuba, há que derrotar o castrismo. Esta tarefa é parte da luta contra todas as direções traidoras do proletariado internacional. As mesmas direções que hoje estão impedindo que as massas gregas e suas ações revolucionárias terminem por derrocar o governo do Papandreau e dêem começo à revolução na Grécia, como elo de uma única revolução socialista em toda a Europa, a qual sem lugar a dúvidas lhe garante um enorme limite ao processo de restauração capitalista, dando um grande impulso às massas cubanas para derrotar o Castrismo.

O proletariado cubano somente poderá triunfar sob a direção da IV Internacional, o único partido que pode unir o combate contra a burocracia restauracionista com a rebelião da classe operária boliviana, com a luta das massas gregas e quirguiz, numa só revolução socialista internacional. Abaixo a burocracia castrista! Abaixo a V Internacional de Chávez, os mandarins "vermelhos" de Hu Jintao, o castrismo, o PC Grego e os renegados do trotskismo! Viva a democracia soviética, viva a revolução socialista internacional!

A luta em defesa do Estado operário e as massas cubanas, deve ser um grito de guerra da classe operária de todo o continente. Basta! Há que romper a subordinação das organizações operárias à burguesia bolivariana, a Obama, ao castrismo e às burguesias lacaios! Há que se levantar em defesa de nossos irmãos de classe cubanos numa só luta continental! Por um congresso continental de organizações operárias para enfrentar o ataque dos capitalistas e a burocracia castrista!

Os trotskistas internacionalistas da FLTI, que lutamos denodadamente pela refundacão da IV Internacional de 38, combatemos em todas as organizações operárias do mundo, para que levantem como próprio o combate pela defesa das conquistas da revolução cubana.

A UTOPIA REACIONÁRIA DO "SOCIALISMO NUMA SÓ ILHA" LEVA AO ABISMO À REVOLUÇÃO CUBANA

Se na ex URSS a política do stalinismo que propunha que podia chegar ao "socialismo num só país" desenvolvendo as forças produtivas até superar e derrotar as do capitalismo, significava uma utopia reacionária que levou aos antigos Estados operários a uma catástrofe; hoje a aplicação durante 50 anos esta mesma política pelo Castrismo, esta vez com o "socialismo numa só ilha", deixou as conquistas da revolução cubana à beira do abismo.

O capitalismo é um modo de produção mundial e do mesmo modo seu economia e suas forças produtivas. A conquista do poder político por parte do proletariado e a imposição de um Estado operário não deixam a este fora da economia mundial capitalista, senão que o Estado operário faz parte dela. Por isso a revolução socialista é mundial e se o Estado operário não se transforma numa alavanca da revolução internacional, principalmente nos países imperialistas onde se encontra o mais avançado das forças produtivas que são a base para chegar ao socialismo, um Estado operário isolado perecerá inevitavelmente sob a bota capitalista.

A teoria do "socialismo num só país" é alheia completamente ao marxismo revolucionário, é mais bem sua negação. O stalinismo desenvolveu esta teoria a partir de 1924 logo após da derrota do proletariado alemão e europeu, como justificativa para a existência uma casta burocrática enquistada no Estado operário que administrando a URSS se enchia de privilégios. Ao dizer de Trotsky, a burocracia soviética a sua maneira defendia o Estado operário, mas com a política do "socialismo num só país" não para mais que o afundar. Esta seria a base da política exterior do stalinismo para levar à derrota a revolução mundial em função de "a marcha ao socialismo na URSS". Como propunha Trotsky, o stalinismo estrangulando a revolução mundial não preparava as condições para o socialismo, senão para a restauração capitalista.

Trotsky definiu à URSS –o primeiro Estado operário da história- como um "regime de transição". Isto é que o que se impõe quando a classe operária tomada o poder num país, não é o "socialismo", senão a ditadura do proletariado. Este regime transitório entre o capitalismo e o socialismo combina elementos de socialismo –a expropriação da burguesia e a propriedade nacionalizada; o monopólio do comércio exterior; a economia planificada- com elementos capitalistas na esfera da retribuição do trabalho mediante a norma burguesa do salário, onde rege a Lei do valor, questão que, devido ao atraso das forças produtivas, ao baixo rendimento do trabalho, como em todo país semi colonial, é o que leva à subseqüente escassez reinante, que apenas pode resolver-se com o triunfo da revolução mundial e, particularmente, tomando o poder nos países mais avançados.

Fidel Castro com Nikita Krushev, ex presidente da URSS.

Assim definia com precisão Trotsky esta questão *"Enquanto mais tempo permaneça a URSS na vizinhança do capitalismo, mais profunda será a degeneração de seus tecidos sociais. Um isolamento indefinido deverá trazer, não o estabelecimento de um comunismo nacional, senão a restauração do capitalismo".* Para impedir esta perspectiva se fundou a IV Internacional, para dirigir a revolução socialista nos países capitalistas e a revolução política para derrocar à burocracia e impor uma ditadura revolucionária do proletariado nos Estados operários, que voltasse a pôr à URSS como alavanca da revolução mundial.

O que se impôs em Cuba com o triunfo da revolução em 1959 não foi o socialismo, senão a ditadura do proletariado, mas ademais dirigida, desde o início, por uma direção pequeno burguesa como o Castrismo, que não queria chegar até ali, que se viu obrigada a fazê-lo pela pressão revolucionária das massas e que deveio rapidamente em burocracia stalinista apêndice de o Moscú.

E já, a partir dos acontecimentos da década de 89, com a restauração capitalista nos ex Estados operários, o que se impôs foi um regime restaurador encabeçado por Fidel Castro que, conquanto não pôde impor a restauração definitiva do capitalismo devido à resistência das massas latino americanas, começou a interromper, de maneira consciente, a transição ao socialismo; fortalecendo os elementos capitalistas como as "empresas mistas", a imposição das duas economias e, por tal, uma profunda diferenciação social e salarial no interior de Cuba. Por isso os Castro ataram sua sorte ao estrangulamento da revolução mundial, não para "fazer o socialismo numa só ilha", senão para transformar-se numa nova burguesia, como ontem o fez o stalinismo na ex URSS.

O programa de Transição da IV Internacional afirmava para a URSS: *"… o regime da URSS encarna contradições terríveis. Mas segue sendo um Estado Operário Degenerado. Eeste é o diagnostico social. O prognóstico político tem um caráter alternativo: ou bem a burocracia, convertendo-se cada vez mais no órgão da burguesia mundial no Estado operário, derrocará as novas formas de propriedade e voltará a afundar ao país no capitalismo, ou bem a classe operária achatará à burocracia e abrirá o caminho ao socialismo."*

É por crise da direção revolucionária, isto é, por sobre abundância de direções reformistas, que o proletariado cubano e mundial não pôde sacar-se de em cima a marca castrista. Por isso hoje, com a farsa da "revolução bolivariana", a burguesia pôde controlar, pelo momento, a revolução latino americana e as tentativas de levantamento da classe operária norte americana. Como demonstraremos no presente artículo, o castrismo se apresta a restaurar definitivamente o capitalismo em Cuba. É tarefa de toda a classe operária mundial defender as conquistas da revolução cubana contra a restauração capitalista que tentam terminar de impor o imperialismo e o regime dos irmãos Castro.

Cuba: *Uma exceção nos processos de restauração capitalista de 1989*

Em 1989 o pacto restauracionista mundial, entre o imperialismo e a burocracia stalinista, se consumou com a restauração do capitalismo na China, na URSS e nos países do Leste da Europa. Dito salto à restauração pôde levar-se adiante graças a que, durante a ascensão revolucionária de 1968-74, o stalinismo levou à derrota os combates do "maio francês", o "outono quente italiano", a "revolução dos cravos" em Portugal, esmagou a revolução política da "primavera de Praga" na Tchecoslováquia, expropriou o processo contra a burocracia na Polônia e derrotou à greve mineira na România. Enquanto o maoísmo, depois dos acordos entre Nixon e Deng Xiao Ping em 1975, foi o encarregado de organizar uma guerra fratricida entre o proletariado chinês, cambojano e vietnamita, que destroçou, massacrou e desmoralizou o proletariado do Extremo Oriente, depois da vitória sobre as tropas ianques que fugiam do Vietnã pendurados nos helicópteros. Foi com estas derrotas à revolução mundial no Ocidente e às revoluções políticas nos Estados operários, que a burocracia avançou em sua passagem a agente direto do imperialismo, e deu um salto à restauração a partir da década de 80, introduzindo medidas capitalistas na China e na URSS, permitindo assim à burguesia imperialista internacional recuperar totalmente para a economia capitalista mundial os lugares do planeta onde haviam sido desapropriados pela revolução.

Com o triunfo da restauração capitalista na China, na URSS e no Leste da Europa nos acontecimentos de 1989, o imperialismo não pôde avançar em impor-la em Cuba nesse mesmo momento. A diferença da Europa e da Ásia, os combates da classe operária e os explorados da América Latina, em particular no América Central, não estiveram dessincronizados do combate de seus irmãos de classe em Cuba. O proletariado latino americano, um dos que mais lutou nos últimos anos tinha iniciado heróicas revoluções, como a nicaragüense e a salvadorenha no fins dos anos 70, o derrocamento do Duvallier no Haiti, e protagonizou duras lutas contra as ditaduras militares no Cone Sul.

Foram estas lutas e revoluções, as que permitiram a sobrevivência do Estado operário cubano. Mas isto foi apesar e na contramão da política do Castrismo, continuador da política que o stalinismo aplicou durante os acordos de contenção da revolução mundial, assinados na Yalta com imperialismo à saída da Segunda Guerra Mundial. O castrismo, desta forma, desapropriando a autoridade da revolução cubana, atuou, tanto na África como na América Latina, como agente contra revolucionário, isto é, como bombeiro quando o incêndio revolucionário se iniciava.

O Castrismo: fiel continuador da política stalinista do Pacto de Yalta

À saída da II Guerra Mundial, o imperialismo e a burocracia stalinista assinam "O pacto de Yalta", um pacto de contenção da revolução mundial. Nele, a burocracia stalinista e seus partidos se comprometiam –usufruindo o prestígio herdado da Revolução de Outubro e a heróica ação das massas russas que haviam derrotado a invasão do exército nazista, a costa de 27 milhões de mortos- a desmontar os processos revolucionários em curso nos países imperialistas europeus centrais, e impedir que a revolução se estendesse por todo o continente. Se comprometeu, ao mesmo tempo, a manter seu controle burocrático e contra revolucionário em todos os países do Leste europeu que ocupava o Exército Vermelho.

À saída da II Guerra Mundial, então, o stalinismo jogou este papel de contenção, fechando a situação revolucionária aberta na Europa, desarmando aos Partisanos na Itália, à resistência francesa, achatando à resistência grega, e permitindo a divisão da Alemanha, com um setor ocidental capitalista e um setor oriental controlado pela burocracia do Kremlin. Na divisão da classe operária, concentrava-se esse pacto de contenção: o imperialismo, que se assegurava o controle da Europa Ocidental graças à traição dos partidos comunistas, lhe cedia, por sua debilidade, a seu agente contra revolucionário, a burocracia stalinista, o controle sobre Europa Oriental para que freasse a revolução.

Foi durante este período em que se deram exceções que se escapavam do controle do Pacto de Yalta, revoluções triunfantes que temiam a sua frente direções contra revolucionárias, como na China, Vietnã e Cuba. Completou-se a hipótese teórica formulada por Trotsky no Programa de Transição: *"…sob a influência de condições completamente excepcionais (guerra, derrota, crash financeiro, pressão revolucionária das massas, etc.), os partidos pequeno burgueses, incluindo os stalinistas, podem ir mais longe do que eles mesmos queiram na via da ruptura com a burguesia"*. Assim estabeleceram governos operários e camponeses que não seriam *"senão um curto episódio para a verdadeira ditadura do proletariado"*. E dizemos que foram exceções, porque a norma foi a derrota e a traição do 99% dos processos revolucionários deste período, a mãos do stalinismo e seu pacto de contenção contra revolucionário com o imperialismo.

Depois do triunfo da revolução cubana, onde completo a hipóteses proposta por Trotsky, Fidel Castro e sua camarilha passa a jogar um papel fundamental na política de coexistência pacifica entre a URSS e o imperialismo. Foi a cobertura "mais esquerdista" que podia ter a política contra revolucionária stalinista, que transformava o triunfo para as massas que significou a revolução cubana, no fortalecimento das direções contra revolucionárias das massas e seu implacável acionar.

A política contra revolucionária internacional do Castrismo

Na África entre começos dos anos 60 finais dos 80, o castrismo, com o Che Guevara à cabeça, enviava milhares de soldados, quadros e assessores ao Congo, Angola e outros países de África para formar "alas de esquerda" nos partidos-exércitos dos movimentos de liberação nacional burgueses, como o FRELIMO do Moçambique, o MPLA da Angola, o SWAPO da Namíbia, e o CNA da África do Sul. O castrismo impediu que o proletariado e as massas africanas, em sua luta anti colonial, desapropriassem o imperialismo. Em Angola, por

pôr tão só um exemplo, no meio da guerra contra o exército português, a Gulf Oil Company continuava extraindo petróleo na província da Cabinda, pagando impostos ao governo Agostinho Neto do MPLA, que por sua vez pagava os salários das tropas cubanas. E o castrismo terminou de demonstrar seu papel quando foram derrotadas as tropas portuguesas na Angola, e se desmoronou o poder branco em Moçambique, Namíbia e África do Sul: os castristas passaram a ser parte dos governos burgueses nativos expropriadores da luta revolucionária das massas.

Enquanto completam esta função na África, a burocracia cubana na América Latina, também se encarregava de levar à derrota as revoluções. No Chile, em 1973, as massas com sua revolução dos cordões industriais armados impuseram embriões de duplo poder, tomando as fábricas e organizando a produção contra o *lockout* patronal, garantindo ademais a distribuição dos alimentos. Fidel Castro foi pessoalmente pregar "a via pacifica para o socialismo" e a dizer-lhe à classe operária chilena que temia que se desarmar porque não havia que fazer do Chile outra nova Cuba, já que o "companheiro Allende" estava na presidência. A "via pacífica ao socialismo", da mão do burguês Allende, significou o caminho mais curto à contra revolução e o fascismo: o "companheiro Allende" designou como chefe das forças armadas a Pinochet, ao que o castrismo apresentava como um general "democrático e patriótico", que mais tarde deu um golpe de Estado e terminou afogando com um banho de sangue à revolução; e assim se impôs a derrota dos processos revolucionários em todo o Cone Sul e a instauração de ditaduras militares sangrentas na Bolívia, Argentina, Uruguai, Brasil, etc.

Fidel Castro com Pinochet em 1973

Mas na década de 80, o castrismo teve que lidar com revoluções que as massas começavam no América Central. Em 1979 as massas nicaragüenses iniciam uma revolução derrocando o ditador Somoza, e novamente a burocracia cubana, dirigindo à Frente Sandinista de Liberação Nacional, expropriou a revolução, impedindo que as massas destruíssem o Estado burguês, para que não fizessem da Nicarágua "na nova Cuba", respaldando o surgimento de um governo burguês "democrática de reconstrução nacional" integrado pelo sandinismo e a burguesia nicaragüense "anti somocista", que nada havia feito por derrocar a Somoza. Ao mesmo tempo, estoura a revolução no El Salvador, e rapidamente Castro propõe às massas salvadorenhas "não façam do El Salvador uma nova Nicarágua", isto é não derrotem o governo. Para impedir o derrocamento do governo e derrotar à vanguarda, põem em pé a guerrilha da Frente Farabundo Martí de Liberação Nacional, (FMLN), instando-la a que não avanço sobre a capital San Salvador e se disponha a realizar uma guerra de posições ocupando território, política que significou o massacre de milhares de operários e camponeses.

Apoiado na política traidora do castrismo, o imperialismo ianque, com o açougueiro Reagan no governo, e ante o perigo de que a revolução centro americana se introduzisse no coração da besta imperialista, organizou o envio de soldados, armas e dinheiro para formar, desde Honduras, um exército contra revolucionário, a "Contra", com a missão de liquidar a revolução centro americana. Mas as massas achataram à "Contra" e derrotaram aos ianques. O castrismo então correu a assinar os pactos de Esquipulas e Contadora, para desarmar os operários e camponeses e que a guerrilha se transformasse no exército burguês da Nicarágua e El Salvador, com o que devolveu à burguesia de ambos países o poder perdido.

Depois de 89, a burocracia impõe um governo menchevique restaurador do capitalismo em Cuba.

Apesar e na contramão do castrismo, estes combates do proletariado latino americano impediram que em 1989-90, quando o imperialismo levava ao triunfo a restauração capitalista no Leste Europeu, na URSS e na China, este se impusesse na Cuba. As massas cubanas, apesar da derrota de 89, eram parte de um combate continental contra o imperialismo, do triunfo de achatar à "Contra" em Nicarágua e derrocar em Haiti em 1985 à sangrenta ditadura de "Baby Doc Duvallier" por dar só alguns exemplos. Por essa relação de forças o castrismo não temia as condições para aplicar uma política restauracionista.

A caída dos ex Estados operários em 89 levou numa profunda crise ao Estado operário cubano, já que era dependente e subsidiário de Moscú. A URSS o único país com o que podia comerciar, enquanto o imperialismo ianque endurecia o bloqueio que havia levado adiante desde os anos 1960, afundando a um grau extremo as forças produtivas de Cuba já minadas por estar constringidas no estreito marco do utópico e reacionário "socialismo numa só ilha". Foram estas condições as que permitiram que a burocracia castrista começasse a introdução de medidas restauracionista, levando ao Estado operário à decomposição aguda. Esta passagem ao campo da restauração foi consagrada com a reforma da constituição de 1992 e a lei de investimentos estrangeiros de 1995, com as quais a burocracia introduziu cada vez mais amplas e profundas medidas restauracionista, como a dupla moeda -que aprofunda a brecha entre as massas empobrecidas e a camarilha castrista- preparando a imposição da restauração e seu reciclamento em burguesia. Com este fato, a partir da década de 90, a burocracia castrista se transforma em agente direto da restauração, impondo um governo menchevique restaurador, que entrega os ramos da economia mais rentáveis, como o níquel e o turismo, aos monopólios imperialistas, enquanto segue administrando os ramos deficitários da economia nacionalizada.

Mas foi novamente o combate revolucionário do proletariado e os explorados latino americanos, que começou no final dos 90, o que lhe impôs um limite à burocracia, fazendo-lhe mais difícil restaurar o capitalismo NA Cuba, e é por isso, para poder completar sua passagem de burocracia restauracionista a burguesia, que o castrismo se jogou a fundo a cumprir um papel contra revolucionário central nos primeiros anos do século XXI.

Quando o castrismo se apresta a impor a restauração capitalista e a sorte do Estado operário cubano depende inteiramente dos combates do proletariado internacional,

OS RENEGADOS DO TROTSKISMO SELAM SUA HISTÓRICA SUBORDINAÇÃO À BUROCRACIA CASTRISTA.

Os renegados do trotskismo sustentaram por esquerda, durante décadas, a política contra revolucionária da burocracia castrista. Por um lado estão os que devieram em abertamente castristas, como o SWP norte-americano que se transformou diretamente numa agência de viagens a Havana ao interior dos Estados Unidos. Também a corrente de Alan Woods deveio em conselheiros diretos da burguesia chavista e sustentadores abertos dos irmãos Castro. O mandelismo e o lambertismo faz já décadas se proclamaram defensores da burocracia castrista. O outro setor dos renegados do trotskismo são os que hoje encobrem à burocracia restauracionista cubana disfarçando-se de "críticos" do castrismo, como o morenismo e os gramscianos do PTS, para "lavar suas roupas" e "não ficar perto" ante os agudos acontecimentos que já estão aqui. Por isso vemos em suas publicações das ultimas semanas "álgidas polêmicas", destilando confusão reformista sobre a vanguarda do proletariado internacional. Os dois setores dos renegados do trotskismo –os abertamente castristas e os "críticos"- ficaram na barricada contrária dos interesses históricos do proletariado cubano, já que são destruidores do programa trotskista e a IV Internacional como demonstraremos na polêmica que aqui apresentamos.

Os morenistas chamam a "enfrentar ao castrismo" com uma "frente democrática" junto à burguesia... Como em Bolívia e Honduras: sempre aos pés da "burguesia democrática"

Os morenistas que ontem –sob a pluma de Nahuel Moreno em seu documento sobre situação mundial de 1965- afirmavam ante o proletariado mundial que Castro e o Che Guevara eram "revolucionários jacobinos" só comparáveis, segundo eles, a Lenine e Trotsky, hoje tentam despegar-se do castrismo, mas em sua tentativa não fazem mais do que aprofundar seu reformismo e bancarrota.

Sob as bandeiras do "frente democrática", os morenistas renegados do trotskismo aplicam a política de colaboração de classes, de subordinação do proletariado à burguesia. Alguns a aplicam em Cuba "contra a burocracia" como os morenistas mais clássicos de Convergência de Esquerda (CI), Esquerda Socialista (IS) e o Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST) que fazem uma frente com a burguesia "por mais democracia"; e outros morenistas como a LIT-QI aplicam a mesma política de frente com a burguesia mas "contra a ditadura" em Cuba, onde afirmam que o capitalismo já se restaurou definitivamente nos 90. Assim, num artigo do 12 de abril de 2010, Convergência de Esquerda sustenta: "*Quando tarde ou temporão, caia o regime castrista pelo enorme descontentamento popular, e não pelos vermes de Miami, provavelmente se abrirá um espaço de amplas liberdades democráticas, e é possível que a maioria da população se volque aos partidos pro-capitalistas, pela ausência de partidos trotskistas revolucionários.*

Vamos proibi-los? Aceitaremos que o PC, que afunda as conquistas da revolução, seja o único legal? Ou congelamos a revolução até que surjam os partidos que nos agradaria ter?

Nós nos colocaremos do lado dos trabalhadores e o povo, que no meio de enormes confusões lutarão contra o embargo imperialista, contra os castristas aliados às multinacionais...". E finalmente para arrematar a argumentação de sua política e programa asseguram que: ***"Não podemos substituir a inevitável experiência que deverão fazer os trabalhadores cubanos com os partidos capitalistas, para chegar à conclusão de que precisam fazer um partido revolucionário e tomar o poder, esta vez como corresponde: com os organismos democráticos da classe operária."***

Estes reformistas confessos **lhe dizem ao proletariado que para enfrentar à burocracia castrista há que se aliar com a burguesia exploradora**. Falam de uma primeiro "etapa da revolução democrática" chamando à unidade com a

burguesia, sob a desculpa de "*acompanhar a experiência das massas com os partidos capitalistas*" já que… "não há partido revolucionário" em Cuba. **Mas a que partidos capitalistas se referem? Os principais agentes do capitalismo na ilha hoje são os Castro** e seu camarilha que desde o partido militar controlam a economia em dólares e os negócios com as empresas mistas. Estes morenistas senis o que **estão propondo é a unidade com um ala do partido restauracionista que fala de "liberdades democráticas", para acelerar a consumação da restauração capitalista.** Isto é que seu "primeiro etapa" da "revolução democrática" nada mais é do que sua luta por uma república democrática… burguesa. A isto se referia o morenismo quando nos 80 cacareaba que "o modelo do socialismo era Cuba mais democracia".

Estes estafadores, que falam em nome do marxismo, propõem que na "segunda etapa" de sua revolução é quando se conquista a independência de classes e se avança ao socialismo "*esta vez como corresponde: com os organismos democráticos da classe operária*". No entanto, **se o proletariado cubano estabelece uma aliança com a "burguesia democrática" para "derrotar ao castrismo" como prega o reformismo, o que se derrota em primeiro lugar é ao próprio proletariado cubano,** que fica submetido ante a burguesia, fechando assim definitivamente o caminho ao surgimento dos soviets como organismos de máxima independência de classe do proletariado, garantindo o triunfo absoluto da burguesia sobre a classe operária com a restauração capitalista.

A caída do muro do Berlim em 1989.

Convergência de Esquerda e os morenistas clássicos como Esquerda Socialista chamam à subordinação absoluta do proletariado cubano à burguesia "democrática", a qual sob nenhum ponto de vista atacaria a essência da política restauracionista dos Castro Que burguês amigo do morenismo levantaria a demanda "Abaixo a desigualdade social e salarial!"? Só a vanguarda do proletariado enfrentando à burocracia restauracionista pode levantar: **Abaixo a desigualdade social! Abaixo a burocracia parasitaria e seus privilégios! Pela igualdade salarial!** Que são demandas motoras de toda revolução política.

Por outro lado **a LIT-QI, outra versão dos morenistas,** que afirma que a restauração capitalista já se consumou definitivamente em Cuba e que estamos ante uma ditadura burguesa, sustentam a mesma política que CI, IS, MST etc. já que também chamam à unidade do proletariado com a burguesia, esta vez "para enfrentar a ditadura". E isto o dizem polemizando com o Partido Comunista de Brasil (PCB), isto é, com o mesmo castrismo agente da restauração.

A teoria de "revolução democrática" e "frente democrática", nada mais é do que uma reedição morenista da "revolução por etapas" dos stalinistas que levasse a um sangrento derrotero ao proletariado mundial, política que fora firmemente enfrentada pela IV Internacional com a teoria-programa da Revolução Permanente.

É a mesma política de colaboração de classes que aplicaram todos os morenistas e o resto dos renegados do trotskismo em Honduras, onde subordinaram à resistência de massas ao "frente democrática" encabeçado por Zelaya contra a ditadura de Micheletti. Ali foram as massas as que combateram e deixaram seu sangue nas ruas, enquanto o covarde bolivariano Zelaya, ao que a LIT-QI chamou a sustentar, se exiliaba comodamente em República Dominicana. Este mesmo "frente democrática" aplicaram todos os reformistas para Bolívia em 2008, incluída a LIT-QI submetendo ao proletariado a Evo Morales para que "não triunfe o fascismo da Média Lua", quando era o próprio governo de frente popular de Morales quem impedia o esmagamento revolucionário do fascismo pactuando com ele. Pelo contrário, os trotskistas internacionalistas sustentamos que o proletariado só pode defender a democracia e enfrentar ao fascismo, com os métodos da revolução proletária: dividindo às FF.AA. com comitês de soldados, milícias operárias, preparando as condições para tomar o poder, lutando pela terra, destruindo a base militar ianque, no caso de Honduras, e rompendo com a Frente Popular na Bolívia.

A política do morenismo de "frente democrática" já se aplicou na Rússia e na Polônia com a restauração capitalista

Ante os processos de revolução política na ex URSS contra a burocracia stalinista restauracionista, Nahuel Moreno e sua corrente a LIT-QI despregou todo seu programa oportunista. Assim na revolução política de Polônia em 1980-82 a classe operária se levantava contra a burocracia pondo em pé um sindicato de massas por fora do controle stalinista chamado Solidariedade. O mesmo tinha adquirido um caráter de semi soviet –"semi" por que não chegou a organizar aos soldados

armados-. Frente a estes acontecimentos o morenismo propunha que devia surgir um governo de Walesa apoiado no sindicato Solidariedade, que rompesse com a burocracia, porque significaria o estabelecimento de um governo operário e camponês, isto é, o triunfo da revolução política. Mas este não tivesse sido um "governo operário e camponês", senão tudo o contrário. Walesa era um agente direto restauracionista do Vaticano e do imperialismo, e um "governo de Walesa apoiado em Solidariedade" não tivesse sido mais que um governo do "Príncipe Lyov" apoiado num soviet dirigido pelos conciliadores, isto é, um governo menchevique restauracionista que jamais poderia "romper com a burocracia". Diferente era lutar por Todo o poder a Solidariedade! Que significava justamente que os trabalhadores derrocassem à burocracia mediante a guerra civil e impusessem seu próprio poder, enfrentando e jogando do seio do soviet aos agentes do imperialismo e a Igreja como Walesa.

Depois, ante os acontecimentos de 89 o proletariado tinha chegado carregando com enormes derrotas tanto ao interior dos Estados operários como em toda Europa. O regime restaurador tinha levado à absoluta decomposição as forças produtivas, afundando na pior das misérias às massas russas. As conquistas dos Estados operários tinham sido liquidadas e, com elas, a consciência igualitária das massas. Todo o Leste europeu estava endividado com o FMI e os velhos burocratas stalinistas se faziam burgueses saqueando tudo a seu arredor e fugindo com milhões e milhões de dólares aos paraísos fiscais capitalistas. Tal como o prognosticava Trotsky e a IV Internacional, a restauração não veio da mão da invasão militar imperialista, senão da penetração de mercadorias, esta vez sob as formas de endividamentos do Estado. Os levantamentos das massas em 89 foram então revoluções políticas tardias. As massas já não tinham conquistas para defender e se sublevavam pelo pão, sabão e elementos básicos, identificando o "socialismo" com a maior das misérias. A ausência da IV Internacional, que tinha sido usurpada por seus liquidadores, foi um fator determinante para o triunfo da restauração capitalista.

As massas já tinham sofrido um golpe contra revolucionária com a reunificação capitalista alemã. Em Rússia, frente ao "golpe de Agosto" em 1991 um setor restauracionista do exército se levantou contra a camarilha também restauracionista do Parlamento que dirigia então Gorbachov. Por não contar com soviets e uma direção revolucionária a sua frente, as massas ficaram fora de cena e Yeltsin se pôs à cabeça do "confronto ao golpe", que desse como resultado a imposição de um governo menchevique restauracionista que terminou de liquidar as bases do Estado operário. O morenismo novamente em prol de "enfrentar o golpe" ficou aos pés do restauracionista Yeltsin. Por isso enquanto caíam os tijolos do Muro de Berlim e se restaurava o capitalismo, na Argentina o MAS e a LIT mantinham uma frente política (o "Frente do Povo") sustentando ao PC que devinha em nova burguesia.

Vale dizer então que, faz já 20 anos que as massas esperam "a segunda etapa da revolução política" noiva pelos morenistas, onde se "forjariam os soviets que desapropriariam à burguesia desenvolvendo tarefas socialistas", etc. Mas o que se impuseram foi massacres na Chechênia, Bósnia, Kosovo, ocupações militares e esmagamentos das massas, craque como na Rússia com o conseguinte aumento dos sofrimentos e padecimentos inacreditáveis das massas. A isto a direção da LIT-QI lhe chama "restauração capitalista pela via pacifica" Canalhas! Para estes pacifistas não existiu o massacre de Tiananmen na China!! Está muito claro que não são as direções destes partidos políticos quem resistiram com seus corpos os massacres em Chechênia, nem trabalham nas fábricas russas onde a burguesia, chicote em mãos, está-se vingando do poder da ditadura do proletariado de 1917 com super-exploração selvagem, saque e brutal opressão contra a classe operária. Depois de 20 anos de restauração capitalista nos ex Estados operários, há pequenos grupos como o PTS que dizem que esta não se impôs, e o que há não é nova burguesia, senão "máfias" que impedem o normal funcionamento do capitalismo… como se a burguesia não fora uma grande máfia e esse seu funcionamento normal. Uma vergonha!

Trotsky não contemplava nenhuma "revolução democrática", isto é nenhuma etapa intermédia, ao contrario, esta significava para a IV Internacional o aborto da revolução política, isto é, uma das formas da contra revolução. E isto era assim por que a diferença do capitalismo, o socialismo não se reproduz automaticamente, senão que implica uma construção consente. De dar-se em Cuba a "revolução" que pregam estes morenistas, o único que se implantaria seria a reprodução automática do capitalismo. Efetivamente o programa de "frente democrática" do morenismo com a burguesia hoje em Cuba equivale a: a restauração capitalista.

O PTS ante a questão cubana: um programa para a "via pacífica à revolução política".

O PTS publicou sua declaração o 25 de março, nela desliza toda sua política e programa gramsciano ante esta questão transcendental para a luta de classes mundial. Assinalam que hoje a principal ameaça contra as conquistas da revolução cubana são "o imperialismo e a burocracia", indicam que "*O programa da revolução política é a única via de propor a defesa das conquistas de 1959 mediante a luta contra o bloqueio e as ameaças imperialistas, contra as políticas repressivas e os privilégios da burocracia e os novos ricos, exigindo a revisão de todo o plano econômico sob controle dos operários e camponeses e as mais amplas liberdades democráticas e políticas para as massas e para todos os partidos que defendem as conquistas da revolução de 1959, impulsionando a criação de organizações independentes das massas e sua mobilização revolucionária em defesa das conquistas e direitos populares. Trata-se de opor às duas políticas que empurram as forças da restauração, a burocracia e o imperialismo, a regeneração do Estado operário mediante a instauração do poder dos conselhos*

operários e camponeses, onde tenham liberdade os partidos que defendam a revolução." (A Verdade Operária 367)

Para o PTS e seu programa de "revolução política" em Cuba, a luta por terminar com a desigualdade social e os privilégios da burocracia, **não tem nada que ver com o derrocamento revolucionário do castrismo**, quando isso é a essência do programa da revolução política dos trotskistas. Assim dizia o Programa de Transição a propósito do programa da revolução política na URSS: "*Uma nova ascensão da revolução na URSS começará indubitavelmente sob a bandeira da luta contra a* ***desigualdade social*** *e a* ***opressão política****. Abaixo com os privilégios da burocracia! Abaixo o stajanovismo! Abaixo com a aristocracia soviética com suas castas e medalhas! Maior igualdade salarial em toda classe de trabalho!* (...) ***É impossível realizar este programa sem o derrocamento da burocracia, que se mantém pela violência e a falsificação.*** *Só o levantamento revolucionário vitorioso das massas oprimidas pode ressuscitar o regime soviético e garantir seu ulterior desenvolvimento para o socialismo*."

Estamos ante uma corrente pacifista pequeno-burguesa que não prepara ao proletariado cubano para um choque violento contra a burocracia restauracionista. Evidentemente a direção de Albamonte, **retomando os passos do pablismo, sustenta um programa reformista contra a burocracia castrista como se se tratasse de uma burocracia que ainda não é contra revolucionária, senão centrista, à qual se lhe pode *"exigir a revisão de todo o plano econômico"* e inclusive se lhe pode impor *"o controle dos operários e camponeses".*** Assim o PTS abraça o programa de James Petras que "critica" à burocracia restauracionista, propondo-lhe que deve pôr-lhe umas gotas de "glasnost" gorbachoviana –isto é "democracia"- à restauração capitalista, alertando-a que tanto enriquecimento dos parasitas castristas pode provocar uma irrupção do proletariado.

O PTS não diz nem uma palavra de que nas "organizações independentes das massas" não pode ter lugar para a aristocracia-burocracia operária castrista. Por tal, ditos organismos de massas só poderão surgir no caminho da luta contra a burocracia, na briga por sua derrocamento, como o dizia Trotsky: "*Autênticos soviets de operários e camponeses só podem surgir no curso do levantamento contra a burocracia. Tales soviets serão incitados a brigar cruelmente contra o aparelho policial-militar da burocracia Como podemos, então, admitir nos soviets representantes desse campo contra o que começa o levantamento?*" ("É necessário expulsar dos soviet à aristocracia operária" 1938).

Para eles a luta pela democracia operária em Cuba, não tem como condição que surjam organismos de autodeterminação e democracia direta **sem a burocracia**, ou seja reais, já que com a burocracia adentro não seriam mais do que organismos completamente maniatados pelo castrismo, pelo qual Trotsky dizia: "*Em nenhum caso se pode contrapor a reivindicação de expulsar à burocracia à exigência de legalização dos partidos soviéticos. Em realidade estas consignas se complementam mutuamente. Hoje, os soviets são um apêndice decorativo para a burocracia. Só sua expulsão, que é impensável sem um levantamento revolucionário, pode regenerar a luta de diversas tendências e partidos no interior dos soviets."* (Idem)

O PTS termina opondo a legalização dos partidos que defendam as conquistas da revolução com o derrocamento revolucionário da burocracia, pois para eles se trata de conquistar a democracia de maneira formal, exigindo as mais "amplas liberdades democráticas". Isto é o oposto ao que propunha Trotsky: "*Não se trata de uma* ***delimitação "constitucional"****, aplicada sobre a base a base de critérios jurídicos determinados, senão da* ***auto delimitação real dos campos de luta.*** *Os soviets só podem surgir no curso de uma luta decisiva. Serão criados pelas capas de trabalhadores que se ponham em movimento. A importância dos soviets consiste precisamente no fato de que sua composição não se determina por critérios formais, senão pela dinâmica da luta de classes. Certas capas da "aristocracia" soviética vacilarão entre o campo dos operários revolucionários e o campo da burocracia. O que estas capas entrem nos soviets e daí fase, dependerá do desenvolvimento geral da luta e da atitude que os diferentes grupos da aristocracia soviética adotem nesta luta. Aqueles elementos da burocracia e da aristocracia que, em e curso da revolução, passem ao lado dos insurrectos, também encontrarão indubitavelmente um lugar nos soviets. Mas esta vez não como burocratas e "aristocratas", senão como participantes no levantamento contra a burocracia. Em nenhum caso se pode contrapor a reivindicação de expulsar à burocracia à exigência de legalização dos partidos soviéticos. Em realidade, estas consignas se complementam mutuamente."* (Idem) Para o PTS, dar as mais amplas liberdades democráticas não significa, ao mesmo tempo, derrocar à burocracia para conquistar os soviet e a democracia operária, e por essa via não fazem mas que se subordinar a ela, tudo a mudança de poder expor na "Feira do Livro de Havana" as edições de seus livros…uma vergonha!

O PTS está falando de uma "**revolução política" pacífica**, em clave gramsciana, onde os conselhos operários pelos quais lutam, sem derrocar à burocracia restauracionista, não seriam mais do que uma reforma no regime bonapartista dos Castro. Em realidade para o PTS esses "organismos" são uma forma de "acumulação de poder", em definitiva organismos com os quais se pode pressionar à burocracia -à qual lhe dão um caráter centrista e não contra revolucionária- para tomar medidas orientadas em morigerar a desigualdade social, e não assim organismos independentes da burocracia para preparar sua derrocamento violento revolucionário, única maneira de defender a Cuba frente ao imperialismo.

A IV internacional proclamou o programa da revolução política, que em sua essência é o derrocamento revolucionário da burocracia com métodos de guerra civil, política que revisa e liquida abertamente o PTS como fiel representante do reformismo de Antonio Gramsci.

A burocracia castrista restauracionista cubana não tem nenhum direito de julgar ou castigar a nenhum preso político

Durante as últimas semanas a morte de Orlando Zapata Tamayo, produto de uma longa greve de fome, que foi seguida por dezenas de outros presos políticos declarados opositores ao governo de Raúl Castro, levou a que todos os renegados do trotskismo se pronunciassem sobre esse fato que gero comoção na situação política mundial.

O PO num artigo do 18 de março chama à "*inspeção humanitária internacional"*, isto é, que lhe abre a porta à intervenção das instituições imperialistas em atuam em nome dos "direitos humanos" e massacram aos povos oprimidos do mundo. Vejamos "*… reclamamos a satisfação dos reclamos da greve de fome de Fariñas (…) pelo direito à inspeção humanitária internacional de qualquer centro de detenção (e de todo tipo de presos)*". (Imprensa Operária 1120) Desta forma o senhor Altamira deveio num conselheiro da ONU, as ONGS e a Cruz Vermelha.

Leon Trotsky, fundador da Quarta Internacional

Por outro lado o PTS tenta separar-se desta escandalosa posição do PO afirmando: "*Na luta contra a repressão frente à agressão imperialista defendemos o direito de Cuba a ajuizar e castigar aos agentes do imperialismo, sobretudo em situações de guerra civil ou ataques do imperialismo*"; e assim mesmo: "*A liberdade dos presos políticos cubanos que não estiveram vinculados a atos de terrorismo ou apadrinhados pela CIA, sem nenhum tipo de solidariedade com suas posições políticas, é uma demanda elementar contra os abusos da burocracia. Por comissões operárias e camponesas independentes para revisar caso por caso.*"

No entanto, esta posição típica de correntes estudantis da Universidade de Buenos Aires, nada mais é do que uma absoluta capitulação ao castrismo. Aos "abusos da burocracia", o PTS lhe opõe "comissões operárias e camponesas", como se o proletariado cubano tivesse alguma possibilidade de pôr em pé ditas "comissões operárias e camponesas" sem derrotar com métodos de guerra civil à burocracia restauracionista cubana. Mas o mais servil ao castrismo da posição do PTS é do que chama a estas "comissões operárias" para revisar única e exclusivamente aos presos do que a burocracia não acusou por: "*atos de terrorismo ou apadrinhados pela CIA"*, enquanto os outros, os que se foram tachados de agentes do imperialismo, se podem ser julgados pelo regime do castrismo. O PTS lhe entrega à burocracia restauradora a autoridade para que catalogue, acuse e julgue os presos políticos como agentes da CIA.

Os revolucionários afirmamos que não lhe reconhecemos à burocracia contra revolucionária, que reprimiu conseqüentemente toda oposição operária e encabeçou a perseguição contra os trotskistas em todo o continente, que lhe deu asilo e condecorou como herói a Mercader, o stalinista que assassinou ao camarada Leon Trotsky; que se apresta a restaurar o capitalismo, que tem o mesmo programa que a burguesia para descarregar a crise sobre a classe operária e os explodidos, com miséria e demissões em massa; que entregou cada combate do proletariado revolucionário; não lhe reconhecemos o direito de julgar absolutamente a nenhum preso político, como também não a definir quem é fascista e quem não, quem é da CIA e quem não.

Os únicos que podem definir em Cuba quem realmente são contra revolucionários e quem não são os operários, camponeses e soldados cubanos que ganham um salário de US$ 18, enquanto os burocratas se enchem os bolsos vivendo da economia dolarizada na indústria do turismo e o Níquel; são. É aos operários e camponeses que suportam a essa marca burocrática parasitaria, a quem os trotskistas lhe reconhecemos o direito de pesquisar e atuar sobre o conjunto dos presos em Cuba; são eles quem devem convocar a delegados de todas as organizações operárias de Latino América e EUA para impor um congresso dos explodidos na Habana que pesquise a situação dos presos políticos, com tribunais operários e populares que pesquisem, julguem e castiguem.

Oposto a isto os renegados do trotskismo lhe reconhecem, ou à burguesia "democrática" -no caso da LIT- o direito democrático de julgar quem é culpado ou não, ou bem à burocracia castrista –no caso do PTS- o direito democrático de julgar quem é agente da CIA e quem não.

Este combate pela justiça e a democracia operária, é inseparável da luta por derrotar aos Castro que atacam a todo opositor como "agente da CIA", já que se prepara a reprimir selvagemmente a todo movimento que defronte a restauração capitalista em Cuba.

Hoje, se tivesse um partido trotskista em Cuba, não duvidamos que muitos de seus militantes estariam no cárcere,

fazendo greve de fome, tal como os trotskistas na URSS, que nos campos de concentração de Vorkuta eram assassinados pela burocracia stalinista sob as calúnias de “ *agentes do Mikado e a GESTAPO”*. Por suposto que os renegados do trotskismo com sua política de capitulação ao castrismo, não são a continuidade dos trotskistas assassinados em Vorkuta, senão mais bem sua negação.

Revisionismo contra trotskismo: Socialismo nacional contra revolução socialista internacional
Fora as mãos dos renegados da IV Internacional fundada em 1938!

O que unifica categoricamente aos renegados do trotskismo, mas lá dos matizes de morenistas, gramscianos ou altamiristas, é que definem a questão cubana como uma revolução nacional. Isto quer dizer que em Cuba sustentam receitas reformistas de “revolução”, enquanto durante décadas se subordinaram à burocracia castrista e sua política internacional de colaboração e conciliação de classes, que assegurava o enquistamento da burocracia na ilha. Foi assim que os ex trotskistas nos 60, 70, 80, 90 e agora durante a primeira década do século XXI seguiram passo a passo as ordens de Castro sustentando-o por esquerda. Assim é que carregam com responsabilidade nas traições do castrismo que impediu sistematicamente que, sob o influxo de 2 ou 3 revoluções proletárias triunfantes no continente, desatasse-se na ilha a revolução política contra a burocracia castrista.

Trotsky no Programa de Transição analisava a relação da política da Internacional Comunista e sua relação com a burocracia stalinista na URSS: “*… Cada dia adicionado a sua dominação* (se refere à burocracia stalinista, NdeR) *contribui a socavar os elementos socialistas da economia e aumentar as possibilidades de restauração capitalistas.* ***No mesmo sentido atua a IC, agente e cúmplice da camarilha stalinista no estrangulamento da revolução espanhola e a desmoralização do proletariado internacional***” (“A URSS e as tarefas da época de transição”, León Trotsky, os marcantes são nossos).

A IV internacional sempre sustentou que a sorte da URSS estava estreitamente unida ao combate de classes a nível mundial, tal como o propunha Trotsky em sua obra “A Revolução Traída”: “*... g) a evolução das contradições acumuladas pode ir parar ao socialismo ou lançar à sociedade para o capitalismo; h) a contra revolução em marcha para o capitalismo deverá romper a resistência dos operários; i) os operários marchando para o socialismo deverá derrubar a burocracia.* ***A questão será resolvida em definitiva pela luta de classes viva nos terrenos, nacional e internacional.***” Exatamente o mesmo prognóstico corria para os Estados operários deformados surgidos depois da Segunda Guerra Mundial como os do Leste, Chinesa, Alemanha Oriental, Vietnã e por certo Cuba.

Por isso os trotskistas, levantamos o verdadeiro programa da revolução política, para derrotar ao governo menchevique enquistado no poder que descompôs a grau extremo às forças produtivas, interrompendo o regime de transição do capitalismo ao socialismo: isto é, impondo restauração capitalista. No entanto lhe dizemos à classe operária que o destino definitivo das conquistas da revolução cubana se definem hoje nas ruas de Grécia onde o proletariado empurra por abrir a revolução; definem-se em Quirguistão onde as massas abriram a revolução depois de 20 anos de restauração sanguinária do capitalismo. Na Bolívia, os operários fabris já estão enfrentando à burocracia da COB, sustenta o pacto de Evo Morales com o fascismo da Média Lua ao grito de “*Fora os traidores das organizações operárias!”*. Os fabris, com dinamite em mãos, estão-lhes marcando o caminho aos operários e camponeses cubanos para saldar contas com os restauradores. Nos combates do proletariado mundial que levantam as bandeiras de “Que a crise a paguem os capitalistas!” e “Abaixo as direções traidoras!” o proletariado cubano encontrará o impulso para que “a crise a pague a burocracia castrista e sua camarilha parasita”. A revolução cubana e seu destino se jogam na luta de classes internacional. Tal qual o dizia Trotsky no Programa de Transição, ao redor do combate contra a burocracia stalinista: “*A luta contra a Internacional Comunista na areia mundial é hoje o aspecto mais importante da luta contra a ditadura stalinista*” (Idem)”

Os renegados do trotskismo aplicam a política de “frente democrática” em Cuba escusando-se em do que “não há partido revolucionário”, quando durante 40 anos foram, por sua subordinação ao castrismo, o escolho fundamental para que surja um partido trotskista revolucionário em Cuba.

Depois de dissolver o centro internacional da IV Internacional, durante a II Guerra, levando à capitulação a suas seções nacionais e iniciando um curso centrista, os pablistas, cannonistas e morenistas se reunificaram na Conferência de 1963 sem nenhum balanço de suas adaptações e capitulações à burguesia, e fundamentalmente ao stalinsimo. O Pablismo, por exemplo, dissolveu a maioria das forças da IV Internacional nos partidos comunistas, num “entrismo sui generis”. E os que não aplicaram esta política de entrismo igualmente vinham de trair, junto ao mesmo pablismo, na revolução boliviana de 1952 capitulando-lhe ao nacionalismo burguês. Em 1963 se reunificaram ao redor de um só ponto: “o reconhecimento do Estado operário cubano”. No entanto, a história demonstrou que longe de ter-se reunificado para defender ao Estado operário cubano, unificaram-se para sustentar à burocracia castrista como parte de sua estratégia de procurar “asas esquerdas” do stalinismo. Bem como em 1989 a IV Internacional não contou com uma seção revolucionária na URSS, capaz de dirigir ao triunfo a revolução política, tarefa para a que se tinha fundado em 1938; hoje o proletariado cubano não conta pelo momento com uma direção revolucionária para guiar ao combate contra a restauração em curso. A razão: o acionar implacável dos renegados do trotskismo liquidadores da IV Internacional.

A defesa das conquistas da revolução cubana ficou em mãos da vanguarda revolucionária do proletariado mundial e do trotskismo principista. A FLTI tem suas forças comprometidas no combate contra a restauração capitalista e, como parte disso, a posta em pé de uma verdadeira direção revolucionária do heróico proletariado cubano, que não pode ser outra que a seção cubana da IV Internacional de 1938 re-fundada. **Fora as mãos dos renegados do trotskismo da IV Internacional!**

Argentina

Ante os festejos do Bicentenário dos exploradores do governo e a oposição, os entregadores da nação ao imperialismo, continuadores dos masacradores da classe operária como os Varela, Falcón, Videla...

Argentina. jornadas revolucionárias de 2001

"¡Que se vão todos, que não fique nem um só!"

Só o triunfo da revolução socialista pode liberar à nação do imperialismo

Durante mais de quatro dias a patronal realizou sua festa pelo "Bicentenário da pátria", que não foi mais do que um enorme roubo contra os trabalhadores e o povo pobre. A burguesia negreira e seus partidos corruptos e assassinos, junto à Igreja gorila, esbanjaram milhões de dólares arrancados da super exploração da classe operária para encobrir com esta "festa democrática" a mais feroz ditadura do capital contra o proletariado. Disso se trata a democracia burguesa e suas frases doces: democracia para explorar operários, entregar a nação e seus recursos naturais ao imperialismo, afundar na miséria aos trabalhadores e as massas exploradas. É a democracia que impõe um verdadeiro genocídio contra a juventude operária e massacres, repressão e cárcere para os operários que saem a lutar. É a democracia dos ricos que esconde a um estado assassino, uma banda de homens armados para defender a propriedade privada das classes dominantes.

Uma festa do regime infame do Pacto Social do imperialismo, o governo de Kirchner, a oposição gorila e a burocracia sindical

O plano da burguesia, seu governo e a "oposição" patronal, ainda que realizaram atos por separado, foi o de utilizar os festejos do 25 de maio para consolidar a expropriação da luta antiimperialista das massas que teve sua máxima expressão nos combates revolucionários de 2001 e seu grito "Que se vão todos, que não fique nem um só", que por suposto não figurou em suas

"homenagens e carruagens". O festejo dos exploradores não foi mais do que uma festa para fortalecer o regime infame do Pacto Social do imperialismo, a patronal escravista, o governo dos Kirchner, a "oposição" e a burocracia sindical traidora da CGT e a CTA, e todas suas instituições. Foi a festa do regime anti operário que assentou a burguesia com a expropriação da heróica revolução de 2001 que tinha deixo em ruínas a todas as instituições de domínio da patronal. Festejam junto aos escravistas da União Industrial Argentina que sustentou quanto golpe militar teve neste país, a expropriação da luta dos explorados contra a ditadura militar que fez desaparecer a 30.000 companheiros e celebram a conseqüente imposição do plano de reconciliação com as Forças Armadas genocidas. São os mesmos exploradores que foram parte do regime "desmalvinizador" (faz referencia á guerra do Malvinas, NdT) que se impôs à saída da ditadura militar, que utilizou a terrível derrota nacional em Malvinas para liquidar a consciência antiimperialista das massas e atou com tríplices correntes a nação ao imperialismo.

O Pacto Social é o que hoje lhe garante a estes burgueses lacaios salários escravos com suas paritárias (negociações salariais, NdT) de fome e seu Conselho do Salário, super exploração nas fábricas, demissões, centos de milhares de desempregados afundados na miséria e uma feroz repressão contra os trabalhadores em luta. Isto para garantir um redobrado saque da nação por parte dos monopólios imperialistas chupa sangues, enquanto a burguesia argentina, como sócia menor das multinacionais, fica com sua fatia dos milionários negócios que fazem desde o exportando principalmente a China, essa maquiladora do imperialismo.

A festa do Bicentenário foi para maquilar o verdadeiro rosto do regime da archi reacionária Constituição de 1853/1994 e do governo dos Kirchner, que com total cinismo propôs que "a diferença do Centenário, este Bicentenário o podemos celebrar em democracia e liberdade". Canalhas! Já nas vésperas da hipocrisia festiva do Bicentenário, a patronal, seu regime e seu governo reprimiam de forma brutal aos tiros, como o fizeram dois dias depois, o 28 de maio, aos trabalhadores desempregados que reclamavam trabalho digno e cortavam a rota 34 em Mosconi, no Norte de Salta, a terra do saque das petroleiras. É o regime e o governo anti-operário que por ordem das petroleiras imperialistas teve em seus cárceres durante 3 anos aos operários das Heras, torturando-os cotidianamente; que hoje tem a outros três companheiros das Heras nos mesmos cárceres das multinacionais; que teve detidos a mais de 5 companheiros e dirigentes dos piqueteiros do Norte de Salta e mantém encarcerado a Tyson "" Fernández; que tem de refém depois das grades a Roberto Martino, dirigente do FAR-MTR, por mobilizar-se em solidariedade com o povo palestino; e mantém processados pela justiça patronal a mais de 5.600 lutadores operários e populares. Foi sob este regime do "Pacto Social" e o governo dos Kirchner que se massacrou ao docente Fuentealba, que o servidor público kirchnerista Varizat com sua caminhonete 4x4 atropelou aos docentes em greve de Santa Cruz em 2007, e que fizeram desaparecer a Julio López e Luciano Arruga.

Os presidentes Piñera do Chile, Correa do Equador, Fernandez de Kirchner da Argentina, Morales da Bolívia, Lula do Brasil, Tabare Vazquez do Uruguai e Nestor Kirchner, presidente da UNASUR, juntos na celebração do Bicentenário na Argentina.

É um governo tão anti-operário e repressor como o de Menem que assassinou a Víctor Choque e Teresa Rodríguez, como o de Duhalde que massacrou em Puente Pueyrredón a Kostequi e Santillán, ou como o de De la Rúa que assassinou aos mártires do 20 de dezembro de 2001, ao que a justiça patronal, uma vez finalizados os festejos do 25 de Maio, absolveu de todo cargo e culpa pelos assassinatos daquele 20 de dezembro. Isto é o que se silenciou no Bicentenário! Bicentenário democrático?… mentira!

Leste é o Bicentenário gorila que ocultaram por trás do discurso patronal de unidade "nacional" em seus festejos, com seus camarotes, fogos de artifícios, festa, carruagens e um esbanjo milionário. "Unidade nacional" para conciliar à classe operária e os explorados com a patronal, seu governo, seus partidos e principalmente com as Forças Armadas, todos agentes do imperialismo e entregadores da nação.

Com esse discurso "patriótico" a burguesia manipulou o sentimento nacional de setores das massas -num país saqueado pelo imperialismo e com uma derrota nacional sobre seus ombros como a de Malvinas-, para controlá-lo, expropriar-lo e terminar de liquidá-lo.

Assim silenciaram e esconderam sob sete chaves que a verdadeira unidade nacional se deu nas ruas em dezembro de

2001 forjando a aliança operária e popular, que é a única unidade dos explorados da nação, a única unidade que sob a direção da classe operária pode romper as correntes que atam à nação com o imperialismo e saldar contas com os exploradores.

Os que silenciaram e liquidaram o grito de Que "se vão todos, que não fique nem um só!" celebraram no Bicentenário que voltaram todos os partidos exploradores, assassinos e entregadores da nação ao imperialismo. Celebram que seguem sendo os continuadores dos maiores assassinos da classe operária argentina: do Coronel Falcón que em 1909 assassinou a dezenas de operários na chamada "Semana Vermelha" que manchou para sempre Plaza Lorea de sangue operário; do governo do radical Yrigoyen que com o exército massacrou aos operários de Ateliês Vasena em 1919; do Tenente Coronel Varela e restantes assassinos da Patagônia Rebelde; do governo de Perón, Isabel e López Rega que organizou a Triplo A para massacrar à vanguarda operária nos 70, aplanando o caminho e abrindo o passo à ditadura sangrenta de Videla, que foi apoiada por todos os partidos patronais como o PJ e a UCR. Foi o Bicentenário dos continuadores da velha oligarquia com o mesmo cheiro a bosta!

Ditadura militar de 1976-1983. Ficaram mais de 30.000 desaparecidos.

Os governos latino americanos lacaios do imperialismo sustentam ao regime do Pacto Social para expropriar a luta revolucionária das massas

O plano que aplicou a burguesia com seus festejos do Bicentenário e sua política gorila e anti-operária, é ao que vieram sustentar e fortalecer os governos latino americanos lacaios do imperialismo, os Chávez, Morales,Lula, Correa, etc., os mesmos que ontem com seu Foro Social Mundial e com Fidel Castro à cabeça expropriaram os combates revolucionar-vos e antiimperialistas das massas em todo o continente a começos do século XXI. Vieram os pro-homens do roubo da Revolução "Bolivariana" que estrangularam a revolução de Equador de 2000 e de Bolívia de 2003-2005, a ascensão antiimperialista das massas venezuelanas que derrotaram o golpe pró-ianque - enquanto Chávez se escondia como um covarde-, as enormes lutas da classe operária e a juventude chilena que enfrentavam ao regime pinochetista (faz referencia a Pinochet, NdT) do TLC em 2006, o levantamento revolucionário dos comuneros de Oaxaca em México em 2007 e o acordar da classe operária norte americana que se punha de pé contra a Guerra imperialista em Iraque e pelos direitos dos operários imigrantes.

Veio Chávez, o mesmo que se abraçou com o fascista Uribe sobre o sangue da resistência colombiana massacrada. Veio Morales, que pactuou com a burguesia fascista da Média Lua que assassinou a dezenas de explorados. Veio Zelaya, que fugiu como rata depois do golpe militar dos ianques em Honduras e terminou pactuando com os golpistas e entregando assim a heróica resistência das massas que deixaram seus mártires nas ruas. Esta é a cara desses farsantes lacaios do imperialismo que mantêm com suas tropas gurkas a ocupação de Haiti, junto aos marines assassinos de EUA, enquanto se preparam a consumar a restauração capitalista em Cuba da mão dos irmãos Castro.

Para impor este objetivo, a farsa da Revolução "Bolivariana" contou com o papel dos renegados do trotskismo que como a LIT-CI desde a direção do ELAC (Encontro Latino Americano e Caribenho de Trabalhadores) subordinaram ao mais combativo da vanguarda da classe operária à burguesia "bolivariana". Sustentaram ao burocrata Montes da COB, o sustentador de Evo Morales entregador da revolução boliviana; subordinaram aos combativos portuários de Oakland, que souberam paralisar os portos imperialistas contra a guerra em Iraque, aos pés de Obama; sustentaram à burocracia sindical chavista em Venezuela e assim jogaram seu papel de ser a "esquerda" das burguesias nativas lacaios.

Desta maneira, controlando e derrotando ao setor mais combativo do proletariado com sua política de colaboração de classes, estes governos "bolivarianos" estabilizaram os pactos contra revolucionários com o imperialismo para liquidar o combate antiimperialista das massas do continente. São quem garantem descarregar os custos da crise econômica mundial sobre suas classes operárias com milhões de demissões, exploração, saque e repressão. Vieram aplaudir e sustentar o regime do Pacto Social e ao governo dos Kirchner, porque foram eles os que ontem expropriaram a revolução argentina e latino americana do primeiro lustro do Século XXI. Isto é o que festejaram nos camarotes todos os governos "bolivarianos" lacaios do imperialismo!

Um enorme dispositivo para encobrir o "plano de reconciliação" das massas com as FFAA genocidas

O que realmente escondeu o roubo do Bicentenário é a imposição do "plano de reconciliação" das massas com a casta

de oficiais assassina do exército massacrador da classe operária. Por isso, os Kirchner, sustentados pelos governos latino americanos, os partidos patronais, a Igreja, a burocracia sindical, e as Mães e Avós de Plaza de Mayo, fizeram desfilar ante as massas, pela primeira vez depois do ‘83, à casta de oficiais do exército argentino durante os festejos do Bicentenário. Esta casta de oficiais não podia nem sair à rua depois da ditadura militar de 76 nem depois de mandar a morrer à juventude na guerra de Malvinas, enquanto eles se rendiam covardemente ante os piratas ingleses. Hoje o governo dos Kirchner e seus agentes recompuseram a esse exército maltratado, deslegitimado e quase dissolvido, que não pôde sair a reprimir nunca mais às massas depois de 83. Estão-no preparando para achatar a sangue e fogo um próximo embate revolucionário de massas que retome o caminho de 2001.

Um “plano de reconciliação” das massas com as Forças Armadas genocidas.

Assim lhe puseram o broche final ao “plano de reconciliação” que teve suas metas no roubo dos Juízos “às Juntas” e depois com a lei de Obediência Devida, o Ponto Final e os Indultos. Depois veio a corrupção de todo o movimento de DD.HH com os fundos de reparações aos familiares de desaparecidos. Mais tarde continuou este “plano de reconciliação” com a casta de juízes videlista-peronista-radical e seu roubo de meter presos alguns militares já idosos em cárceres de luxo –desde onde seguiam conspirando contra as massas-, enquanto encarceravam e torturavam aos melhores lutadores da classe operária como aos companheiros de Las Heras.

Esta política foi festejada por toda a esquerda reformista que a enfeitou denominando as resoluções da justiça patronal como “falhas históricas”. Hoje, da mão dos Kirchner, enquanto fazem aparecer os restos dos corpos dos desaparecidos para que “tenha luto”, depois de décadas de tentativas de recompor ao exército como pilar do estado burguês, este novamente sai a desfilar pelas ruas para terminar de impor a “reconciliação”. Querem terminar de recompor e legitimar às Forças Armadas, que frente a cada ameaça da revolução, saiu às ruas com seus tanques a massacrar à classe operária para salvar a propriedade privada do conjunto da burguesia.

Esta é a casta de oficiais com a que nos quer reconciliar, de onde surgiram todos os grupos paramilitares, como o telefonema Une Patriótica Argentina durante o governo do radical de Yrigoyen que se dedicou a perseguir e matar a dirigentes operários. Cinqüenta anos depois, sob o asa do “democrático” governo de Perón, nasceu a Triplo A de a mão de López Rega, do comissário Villar e a burocracia sindical, com o único fim de assassinar ao ativismo operário que se enfrentava aos planos de ajuste e saque da nação, abrindo-lhe as portas à ditadura militar de Videla.

Este plano para esquecer, perdoar e reconciliar-se com o exército assassino, é o que se consagrou neste festejo Bicentenário. Por isso o pinochetista Piñera, novo presidente de Chile, aplaudia emocionado a carruagem das Mães de Praça de Mayo que desfilavam junto ao exército genocida. Lamentavelmente todo o discurso “apartidário” que sustentaram durante décadas as Mães de Praça de Mayo, hoje demonstra ser o mais partidário de todos, localizadas como verdadeiras ministras sem carteira do governo anti-operário dos Kirchner. As Mães de Praça de Mayo renegaram de toda sua luta e se somaram ao discurso de unidade “nacional” da patronal, de todas as câmaras empresariais como a UIA que estiveram por trás de todos os golpes militares anti-operários da história. Abaixo o “plano de reconciliação” dos explorados com a casta de oficiais genocidas do exército argentino! Não esquecemos, não perdoamos e não nos reconciliamos!

Festejam os entregadores da nação ao imperialismo

Nos festejos do Bicentenário o governo se cansou de falar de “soberania” e “independência”, quando a burguesia nativa semi colonial já demonstrou durante décadas e décadas sua absoluta covardia e submissão ao imperialismo. Os diferentes governos que passaram lhe entregaram ao imperialismo pela fraudulenta dívida externa 270 mil milhões de dólares. O governo dos Kirchner em só 6 anos lhe oferendou a sua majestade o FMI 45 mil milhões de dólares e se apresta a pagar em conceito de interesses da dívida outros 6 mil milhões. Sem contar os milhões de dólares saqueados à nação em conceitos de Royalties, Patentes e nem falemos das fugas de divisas. Têm-lhes entregaram aos polvos multinacionais a maioria das terras ricas, garantiram o saque do petróleo, minerais e matérias primas. Demonstrou toda sua covardia ante a extração do petróleo nas ocupadas Ilhas Malvinas. É que a burguesia nativa não só não pode garantir íntegra e efetivamente a libertação nacional do imperialismo,

senão que é seu agente para garantir a super exploração e o saque da nação.

Os oligarcas de ontem foram lacaios do imperialismo inglês e os de hoje são serventes do imperialismo ianque e da coroa espanhola dos Borbones! Os "bolivarianos" vieram sustentar a chamada "unidade nacional" em nome da unidade "latino americana", quando é o mesmo Chávez uno dos principais provedores de petróleo do imperialismo ianque com o qual garante o funcionamento da maquinaria bélica que massacra em Médio Oriente e todo o planeta. Assistiu Lula que é tão agente do imperialismo francês como do ianque no saque e a exploração de Brasil. Veio Evo Morales agente da Total francesa e a Repsol, quem pactuou com a Média Lua fascista -agente ianque- contra as massas operárias e camponesas em Bolívia para manter o saque dos hidrocarbonetos.

A "unidade latino americana" que pregam os "bolivarianos" é a do pechincho com o imperialismo para ficar com algumas migalhas do saque imperialista sobre a Latino América ensangüentada! Só a classe operária, rompendo toda subordinação à burguesia e acaudilhando com sua luta ao conjunto das classes exploradas, pode liberar à nação do imperialismo e resolver o problema da terra, em mãos dos monopólios imperialistas, com o triunfo da revolução socialista como elo de uma única revolução americana.

Não ao pagamento da dívida externa! Expropriação sem pagamento e sob controle operário de todas as multinacionais imperialistas! Expropriação da banca imperialista e privada nacional sob controle operário e banca estatal única! Nacionalização do comércio exterior! Abaixo todos os tratados políticos, econômicos e militares com o imperialismo! Fora ingleses de Malvinas! Fora ianques de América Latina! Fora as bases da OTAN de Malvinas! Pela derrota militar das tropas ianques e da ONU em Haiti, em primeiro lugar as tropas "gurkas" argentinas!

Uma história de heróicas gestas operárias e massacres patronais. Só com o triunfo da revolução socialista o proletariado ajustará contas com seus verdugos.

Neste Bicentenário a classe operária tem sua verdade, que nada tem que ver com o engano da burguesia e suas frases "doces". Os que estiveram nesses luxuosos camarotes, nos Tedéum, na reabertura do Teatro Colón, etc., são a mesma classe e os mesmos partidos patronais que junto às Forças Armadas assassinas massacraram à classe operária durante 150 anos.

O governo dos Kirchner, a oposição gorila dos Carrió, Cobos, Macri, a casta de oficiais, etc. são os continuadores dos massacres comandados pela oligarquia conservadora para liquidar talvez da vanguarda operária que, preparando-se para os festejos do Centenário, o 1 de maio de 1909, durante o governo oligárquico de Figueroa Alcorta, chamou ao assassino de operários Ramón L. Falcón para reprimir uma manifestação convocada pelos anarquistas da FORA (Federação Operária da Regional Argentina, NdT) na Praça Lorea, que deixou 12 mortos, mais de 100 feridos e centos de detentos.

São os continuadores dos que, em janeiro de 1919, reprimiram selvagemmente a greve dos trabalhadores dos Ateliês Metalúrgicos Vasena, que reclamavam a redução da jornada trabalhista de 11 a 8 horas, melhores condições de salubridade, vigência do descanso dominical, aumento de salários e a reposição dos delegados demitidos. A repressão, comandada pelo então jovem tenente Juan Domingo Perón, deixou dezenas mortos e centos de feridos e detentos.

São os continuadores dos assassinos da Patagônia Rebelde que em 1921, ao comando de Yrigoyen e a União Cívica Radical, mandaram a reprimir a greve desatada em Santa Cruz pelos trabalhadores rurais que reclamavam o fim das jornadas trabalhistas de até 16 horas, com salários pagos em bônus e com o domingo como único dia de descanso. O "democrático" governo de Yrigoyen terminou a greve assassinando a mais de 1.500 trabalhadores e com a volta ao trabalho em piores condições, aplicando-lhes todo o peso da patronal vencedora jogando-os como ratos, com essa nefasta Lei de Residência, aos dirigentes e ativistas operários que tinham vindo ao país fugindo da miséria e da guerra na Europa. É a mesma burguesia fiel servente dos interesses ingleses, ianques ou europeus, que hoje desde o governo condena à super-exploração a trabalhadores imigrantes bolivianos, paraguaios, peruanos, etc. Essa mesma classe dirigente burguesa que 80 anos depois, o 20 de dezembro de 2001, assassinou nas ruas a mais de 30 lutadores que enfrentavam ao governo gorila de De La Rúa ao grito de "Que se vão todos, que não fique nem umsó!"

São os continuadores dos entregadores da nação ao imperialismo, que ontem em 1933 assinassem o pacto Roca-Runciman, entrando "como colônia direta na Commonwealth inglesa", refletido no discurso de Roca (filho) que sustentava que "a Argentina é a pérola mais apreciada da Coroa inglesa" e do que hoje seguem entregando os recursos da nação, como o petróleo e os minerais, e são serventes do imperialismo anglo-ianque que ocupa e saqueia as Malvinas.

Ao igual que a Revolução Libertadora de 1955 e o governo de Frondizi que com o plano Conintes militarizo as fábricas para escarmentar à classe operária como no frigorífico Lisandro da Torre em 1959, os Kirchner recorrem aos mesmos métodos como o demonstrou a militarização de Kraft-Terrabussi do ano passado.

Hoje o governo dos Kirchner quer fazer reconciliar à casta de oficiais assassinas com os explorados. Essa oficialidade que nos 60 se treinava na escola das Américas na Panamá para achatar a ameaça "vermelha" e que atuasse na "Noite das Bastões Longos" e no "Cordobazo", e que depois despregaria seu máximo arsenal de terror durante a ditadura de 1976-1983. Neste Bicentenário a classe operária não tem nada que festejar! Pelo contrário deve preparar a vingança contra os que brindaram no Bicentenário desde seus camarotes anti-operários, contra a mesma classe burguesa que submeteu aos trabalhadores a 150 anos de massacres e exploração.

A classe operária argentina deve retomar suas melhores tradições de combate revolucionário e internacionalista para derrotar ao regime infame anti-operário do Pacto Social

A história da classe operária argentina atesta que suas páginas de glória, de combates e conquistas, estiveram signadas por sua luta internacionalista e antiimperialista. Pois o mesmo processo de conformação da classe operária teve que ver com milhares e milhares de operários imigrantes europeus que eram expulsos de suas terras e trazidos como mão de obra para produzir à Argentina que começava a industrializar-se para o capitalismo mundial. Mas esses operários chegavam com a experiência do proletariado europeu que já protagonizava enormes combates revolucionários no velho continente.

Assim, os primeiros aumentos salariais e a redução de jornada trabalhista, conquistaram-se com as greves dos trabalhadores tipógrafos em 1878. Greves organizadas pelos operários exilados da gloriosa Comuna de Paris que aterrorizou à burguesia mundial. Tratou-se de uma greve coordenada com os tipógrafos de Montevidéu, Uruguai, o que garantiu sustentar por mais de um mês a greve e impor todas as demandas.A heróica Patagônia Rebelde também foi preparada por operários imigrantes que nos rincões mais longínquos do sul argentino garantiam a organização grevista dos trabalhadores rurais pelo fim das jornadas trabalhistas de 12 a 16 horas e pelo pagamento de salários em moedas, já que a oligarquia terra-tenente pagava com bônus de comida. Os heróicos combatentes da Patagônia Rebelde se consideravam militantes da III Internacional e da revolução russa de outubro de 1917.

Nos anos trinta, onde o proletariado da construção protagonizou greves de caráter histórico, a classe operária argentina ganhou as ruas de Buenos Aires com enormes mobilizações de solidariedade com a classe operária espanhola contra o fascismo e organizavam brigadas internacionais para ir combater à guerra civil contra Franco.

As primeiras conquistas salariais, a jornada trabalhista de 8 horas, melhores condições de trabalho e a organização dos primeiros sindicatos foram enormes combates internacionalistas da classe operária argentina! A tradição histórica internacionalista da classe operária foi liquidada pela traição do stalinismo. O Partido Comunista, com seu dirigente Peter, entregou a gloriosa greve dos frigoríficos em 1945 com a política de colaboração de classes comandada por Moscou. O PC entregou a greve para que Argentina lhe venda carne ao "frente democrático" imperialista na guerra. Esta traição lhe garantiu depois ao peronismo o controle do movimento operário e a liquidação da independência de classe, que tão caro pago a classe operária argentina.

O proletariado deve retomar sua tradição internacionalista e de independência de classe, que é o que liquidaram as direções traidoras para submetê-lo à burguesia. Esta é uma necessidade imediata em momentos em que se agudiza a cada passo o caráter da época de crise, guerras e revoluções ao calor da crise mundial imperialista. As classes dominantes só encontram saída atacando de forma desapiedada à classe operária e os explorados para que paguem a crise. A burguesia argentina está de festa, mas quando estoure o craque chinês seus negócios cairão em picada e os choques violentos entre as classes serão inevitáveis.

Os aliados da classe operária argentina que hoje se rebelam contra o Pacto Social lutando por salário, trabalho e atacando às multinacionais como em Córdoba, Neuquén, Andalgalá e Mosconi, são os operários fabris de Bolívia que enfrentam o Pacto de Evo Morales com o Fascismo da Média Lua; os aliados da classe operária argentina são os explorados gregos e seus combates para que a crise a paguem os capitalistas. Os aliados dos explorados argentinos são os operários que no Quirguistão derrocaram a seu governo anti-operário e se armaram para conquistar o pão, como ontem o fizeram os operários e soldados de Madagáscar no Sul da África. Para conquistar esta unidade há que romper toda subordinação à burguesia que impõem as direções reformistas às organizações operárias em luta, dividindo ao proletariado país por país. Isto só o pode conseguir uma fração internacionalista da classe operária.

Uma fração que seja a fusão dos operários avançados com os internacionalistas da FLTI que combatemos por re-fundar a IV Internacional de 1938 para derrotar às direções traidoras do proletariado mundial e levar ao triunfo à revolução socialista. Esses operários avançados já fizeram uma experiência com a esquerda reformista dos renegados do trotskismo que configuram a esquerda do Bicentenário. É a esquerda de submetimento aos ministérios de trabalho e às falhas "históricas" da justiça patronal (aprovação de leis da justiça burguesa, NdT). É a esquerda para a que "nunca há condições" para coordenar aos trabalhadores em luta, a esquerda que do sustento á burocracia sindical e seus "corpos orgânicos", são a esquerda da farsa da revolução "bolivariana". Por isso, e não é de estranhar, a esquerda reformista e os renegados do trotskysmo foram parte do festejo do Bicentenário. PCR, PO, PTS, MST, etc., realizaram um ato o 25 de Maio na Praça Lorea sob a consigna: "por uma definitiva independência" e "pelo não pagamento da dívida externa". Que canalhas! São continuadores da nefasta política do PC de colaboração de classes, com a que subordinaram todas as lutas revolucionárias das massas do continente às "burguesias nativas progressistas". Sob o comando do castrismo, de Chávez e de Ju Hintao, a esquerda reformista e os renegados do trotskismo levaram uma e mil vezes à classe operária aos pés da burguesia e suas instituições A vanguarda operária combativa deve romper com esta esquerda do regime infame do "Pacto Social".

Sob uma direção revolucionária, a classe operária poderá retomar o caminho do internacionalismo proletário e assim assegurar-se o triunfo nos próximos combates que já começam a desenvolver-se na velha Europa, no Oriente Médio ou na China escravizada, e que nesta época de mudanças bruscas, guerras e revoluções, novamente os trabalhadores se verão empurrados ao caminho da revolução.

Editorial Board Of Democracia Obrera

Ao igual que o Mundial 78, a visita do Papa no meio da guerra de Malvinas, a festa do "volta da democracia" em 83...

O Bicentenário: uma nova manipulação da burguesia sobre as massas para esconder seus verdadeiros objetivos entreguistas e anti-operários

Não é a primeira vez que a burguesia manipula às classes médias de diferentes formas para conquistar base social de apoio a seu regime e assim esconder seus verdadeiros planos entreguistas e anti-operários. Sob a ditadura militar de Videla, que fora sustentada por todos os partidos patronais que encheram os camarotes do Bicentenário, o Estado assassino organizou o mundial de futebol de 1978 e "vestiu à pátria de festa" para esconder o mais brutal genocídio contra a classe operária que se tenha memória na Argentina. O Partido Militar organizou o Mundial de futebol para assentar a enorme derrota que significou a eliminação física da vanguarda de uma geração da classe operária e atar com duplas correntes a nação ao imperialismo.

Na guerra de Malvinas enquanto os piratas ingleses ocupavam militarmente as ilhas e massacrava aos jovens soldados, a casta de oficiais genocidas do exército argentino demonstrava serem "valentes" para assassinar operários e covardes para enfrentar ao imperialismo ao qual não lhe tocaram nenhuma de suas empresas, bancos e propriedades e lhe seguiam pagando religiosamente a dívida externa. Para impor a rendição da nação ante o imperialismo, a burguesia trouxe ao Papa João Paulo II. Apoiada na falsa consciência religiosa das massas que se mobilizaram por dezenas de milhares para receber a este agente do imperialismo, a burguesia terminou de impor a rendição da nação e garantir o triunfo do imperialismo anglo-ianque. Depois, com "a volta à democracia da mão do gorila Alfonsín, realizaram-se grandes mobilizações "democráticas" para encobrir que salvavam aos genocidas por parte do regime burguês. Com a mentira de que "com a democracia, come-se, cura-se e se educa" condenou às massas à mais brutal das misérias produto da "hiper-inflação" e descarregou uma brutal repressão como o fez no 89 quando os explorados se largaram a procurar comida aos grandes supermercados.

Hoje a festa do "Bicentenário" esconde uma brutal entrega da nação ao imperialismo, a mais selvagem super exploração do que a classe operária argentina jamais sofreu, uma terrível repressão contra os trabalhadores em luta, mas fundamentalmente encobre a imposição do plano de reconciliação das massas com as Forças Armadas genocidas para terminar de recompor a este pilar fundamental do Estado burguês que esteve em crise por mais de 30 anos.

Assim está pagando a classe operária à expropriação da revolução que protagonizou no2001. Pelo acionar das direções que têm a sua frente, o proletariado se encontra com suas filas divididas e foi submetido à burguesia pelo que se vê impossibilitado de acaudilhar a aliança com os setores arruinados e empobrecidos na luta contra o imperialismo, como si pôde fazê-lo quando soava o grito de "que se vão todos, que não fique nem um só", forjando nas ruas a aliança operária e popular.

Isto é o que permite que a burguesia, seu governo e o regime infame do "Pacto Social" conquistem base social nas classes médias urbanas para sustentar seu plano contra a classe operária. Por isso a política patriota de "unidade nacional" comandada por Kirchner está dirigida a ganhar-se o apoio das classes médias para que façam sentir seu peso numérico na vida política nacional e inficionem à classe operária com a nefasta política de conciliação com as Forças Armadas genocidas, a burguesia, seus políticos e seu regime. É a mesma classe média que foi base social da "Libertadora" que em 1955 bombardeou aos operários em Vaga de Maio e que fuzilou nos lixeiros de J. L. Suárez aos trabalhadores que resistiam ao golpe militar. É a mesma classe média do "algo terão feito" que lhe deu sustento à ditadura de Videla, que depois disseram "somos direitos e humanos" e "cá não se sabia que estava passando" enquanto massacravam a 30.000 lutadores operários e populares. É a classe média da festa da Conversibilidade ($1 = U$S1) menemista que desfrutava de seus cartões de crédito no meio de um oceano de desempregados, miséria e repressão contra os trabalhadores.

Os atos lotados do Bicentenário estiveram dados em sua maioria pela participação das classes médias. Esta aliança de classe, da pequena burguesia com a grande burguesia no governo, atua para oprimir e debilitar a luta dos trabalhadores e como já vimos na história foi sustento dos golpes contra revolucionários contra o proletariado.

A classe operária só pode ganhar com seu aliado às classes medeias dividindo-as com ações revolucionárias nas ruas, que lhe demonstrem a seu setor arruinado que o proletariado é a única classe capaz de ir até o final na solução de seus problemas. Para isso a classe operária deve romper toda subordinação à burguesia imposta pela burocracia sindical e as direções reformistas, e retomar o caminho revolucionário de 2001 enfrentando ao governo, às multinacionais e ao imperialismo.

A festa burguesa do Bicentenário esconde, depois do véu da "democracia", um certeiro plano contra revolucionário para fortalecer ao Estado burguês semi colonial. Assim estes parasitas se preparam porque sabem que ao calor da bancarrota da economia mundial imperialista se cozinham os futuros embates das massas, que hoje comovem Europa, e que mais sedo que tarde sacudirão novamente ao continente americano.

Como parte do combate por refundar a IV Internacional...

Há que refundar o trotskismo internacionalista em Argentina para dotar de uma direção revolucionária ao proletariado

A classe operária argentina tem em sua história um grande ponto de partida para conquistar uma direção revolucionária para triunfar. Este ponto de partida são a IV Internacional de 1938 e seus fundadores em Argentina dos quais os trotskistas de Democracia Operária nos reivindicamos continuadores. O surgimento de nosso movimento responde ao combate de uma fração internacional do proletariado, que nasceu enfrentando à burocracia stalinista que usurpava a conquista do estado operário russo. O trotskismo em argentina não nasce, como o afirma o "mito" do morenismo em Vila Pobladora. Surge com os internacionalistas que enfrentaram o surgimiento da burocracia stalinista, fração dirigida por Mateo Fossa, Angélica (A Negra) Mendoza, Rafael Greco e Héctor Raurich que em 1925 se levantam contra a direção do PC comandado por Codovilla e romperam aos tiros o congresso do Partido Comunista defendendo o programa dos bolcheviques leninistas e o legado da Revolução de Outubro.

Leon Trotsky, fundador da Quarta Internacional.

O trotskismo argentino surge deste combate dos chamados "chispistas" em alusão ao nome de seu jornal (A Chispa), que depois se põem em contato internacional com a Oposição de Esquerda. Eles nos '30 discutiam junto a os operários e intelectuais marxistas a questão da Libertação "Nacional" em Latino América contra a política estalinista de revolução por etapas e de frente popular. Nestes combates programáticos, a classe operária conquistou grandes intelectuais e historiadores marxistas como Miliciades Peña que deixaram uma valiosa bagagem ao proletariado de lições para preparar os próximos triunfos.

Estes são os fundadores do trotskismo argentino, seus destruidores negaram esta história para justificar suas adaptações às direções reformistas e ao regime burguês. Foram o morenismo, o altamirismo etc. quem deixaram de combater ao stalinismo como o souberam fazer os oposicionistas do congresso de 1925, eles tentaram liquidar essa tradição com "lendas heróicas" dos "trotskistas" de Yalta que devieram em liquidadores da IV Internacional.

O legado e o combate dos oposicionistas de 1925 ficou em mãos dos trotskistas de Democracia Operária para conquistar uma poderosa fração internacionalista da classe operária argentina que derrote às direções reformistas e leve ao triunfo a revolução socialista.